

Antologia Grécia e Roma: Poesia e Prosa

Glória Braga Onelley
Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha
Tania Martins Santos
(Org.)

**Antologia Grécia e Roma:
Poesia e Prosa**

**ANTOLOGIA GRÉCIA E ROMA:
POESIA E PROSA**

Glória Braga Onelley
Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha
Tania Martins Santos
(Org.)

Rio de Janeiro
Faculdade de Letras/ UFRJ
2013

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes

Faculdade de Letras

Departamento de Letras Clássicas

Coordenação de Pós-Graduação em Letras Clássicas

Organização e revisão:

Glória Braga Onelley (UFRJ / UFF)

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha (UFRJ)

Tania Martins Santos (UFRJ)

Edição e Diagramação:

Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ)

Pedro Barbosa (UFRJ)

ONELLEY, Glória Braga; PEÇANHA, Shirley Fátima Gomes de Almeida;
SANTOS, Tania Martins (org.)
Grécia e Roma: Poesia e Prosa. Glória Braga Onelley; Shirley Fátima Gomes de
Almeida Peçanha; Tania Martins Santos (org.)
Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ (PPGLC), 2013.
106 p.; 14 x 21 cm.
Bibliografia
ISBN 978-85-8101-014-4
1. Antologia 2. Poesia e prosa gregas 3. Poesia e prosa latinas I. Título

Todos os direitos de reprodução e distribuição de “Antologia Grécia e Roma: Prosa e Poesia” reservados à Faculdade de Letras/UFRJ.

APRESENTAÇÃO

Encontram-se reunidas, na presente antologia, traduções elaboradas por professores do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ e por uma professora convidada da UFF,¹ nas quais se privilegiam diferentes gêneros literários, em verso e em prosa, cultivados na Grécia, nos períodos arcaico e clássico, e em Roma no período imperial romano. Da poesia grega arcaica, destacam-se a lírica propriamente dita, representada pelos poetas Alceu, Safo, Píndaro e Baquilides; a poesia elegíaca, com os dísticos de Mimnermo e de Sólon; e a poesia iâmbica, com os versos de Arquíloco. Do período clássico, são traduzidos do teatro de Ésquilo excertos de *Persas* e *Sete contra Tebas* e da prosa de Xenofonte e de Platão, respectivamente, os livros II e III de *Banquete* e quatro passagens referentes aos *lógoi* de Êutifron do diálogo homônimo. A tradução de textos latinos restringe-se a autores do período imperial romano, de cuja produção se distinguem algumas odes de Horácio, elegias de Ovídio, epigramas de Marcial e fábulas de Fedro e, por fim, a narrativa *Vida de Horácio* de Suetônio.

Essa coletânea tem por objetivo facilitar aos interessados em cultura clássica, sobretudo alunos de Letras, o acesso a textos de alguns dos autores mais conhecidos da Antiguidade greco-romana. Na apresentação das traduções, optamos, por razões didáticas, pela ordem cronológica, especificando, ao lado do nome de cada autor, os séculos em que viveram.

Esperamos que essa publicação, a despeito de não contemplar todos os autores e períodos das Literaturas Grega e Latina, seja de grande valia aos que as apreciam e estudam.

NOTA

¹ A doutora Glória Braga Onelley é professora aposentada da UFRJ e atua, desde 2002, como docente de Língua e Literatura Gregas no Instituto de Letras da UFF.

SUMÁRIO

ARQUÍLOCO DE PAROS

Fragmentos

MIMNERMO DE CÓLOFON

Fragmentos

ALCEU

Fragmentos

SAFO

Fragmentos

SÓLON

Fragmentos

PÍNDARO

Olimpicas I e II

BAQUÍLIDES

Ode III

Glória Braga Onelley

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

ÉSQUILO

Persas

Sete contra Tebas

Ricardo de Souza Nogueira

XENOFONTE

Banquete

Tania Martins Santos

PLATÃO

Êutifron

Auto Lyra Teixeira

VERGÍLIO

Eneida

Alice da Silva Cunha

HORÁCIO

Odes

Arlete Mota

OVÍDIO

Elegias

FEDRO

Fábulas

Ana Thereza Basílio Vieira

SUETÔNIO

Suetoni Vita Horati

Anderson de Araujo Martins Esteves

ARQUÍLOCO DE PAROS (séc. VII a.C.)

Coração, coração, perturbado por dores irremediáveis, levanta com coragem,
defende-te, lançando teu peito contra os inimigos,
colocando-te firmemente perto deles em emboscada!
Se venceres, não te enalteças publicamente,
nem, se vencido, te lamentes, deixando-te abater em casa.
Vamos, alegra-te com os prazeres e não te irrites em demasia com as

[infelicidades!

Reconhece que tal ritmo governa os homens.

(Fragm. 128W)

Pai Licambas,¹ o que disseste?

Quem transtornou o teu espírito
em que antes te apoiavas? Mas agora,
para os cidadãos, te tornas motivo de muita chacota.

(Fragm. 172W)

Não mais tens tão florescente a pele, pois já está ela enrugada,
com pregas, e, por causa da maldita velhice, te condena.

(Fragm. 188W = Papiro de Colônia 7511,² 36-40)

...

tendo-te afastado por completo;
de igual modo, toma coragem!
se tens pressa e o desejo te impele,
há em nossa casa
5 aquela que agora sente grande desejo,
uma bela e delicada donzela. Parece-me que ela
tem o corpo perfeito;
torna-a agora tua amante!”
Tais coisas ela falava; e eu lhe respondi:
10 “Ó filha de Anfimedeu,
nobre e (prudente)
mulher, que agora a terra úmida encobre,
muitos são os prazeres da deusa
para os jovens varões,
15 além da coisa divina; um deles me bastará.
mas isso, com tranquilidade,
quando anoitecer,
eu e tu decidiremos com a ajuda do deus.
Cederei como me ordenas;
20 muito me ...
sob o teu arco e debaixo das portas.
Não recuses nada, querida!
Dirigir-me-ei para os jardins verdejantes.
Agora, fica sabendo: Neobule,
25 que um outro homem a possua!
Ai! Como está madura! Duas vezes mais
murchou sua flor virginal
e o encanto que antes tinha.
.....
30 A louca mulher revelou suas medidas de
Atira-a aos corvos!
Não isso,
de modo que, tendo eu tal mulher,
serei motivo de chacota para os vizinhos.
35 Eu te quero muito,
pois não és infiel nem dissimulada,
mas ela é muito maliciosa
e faz muitos amigos.
Temo que filhos cegos e prematuros
40 eu gere, levado pela pressa,
assim como fez a cadela.”
Tais coisas eu dizia; agarrando a donzela

num leito de flores,
reclinei-a; cobrindo-a
45 com um manto delicado, abracei-lhe o pescoço,
acalmado o ...
assim como uma corça ...
Os seios com as mãos toquei-lhe docemente.
E ela mostrou a viçosa
50 pele de juventude com o toque.
E, apalpando todo o seu belo corpo,
lancei meu vigor...,
roçando o seu pelo dourado.

(Fragm. 196a W = Papiro de Colônia Inv. 7511.1-35)³

NOTAS

¹ Segundo a lenda, Licambas, nobre de Paros, prometera em casamento ao iambógrafo Arquíloco a filha Neobule. Por razões desconhecidas, Licambas teria negado a mão da filha e, em consequência, ter-se-iam tornado ele e a família alvo das invectivas do poeta de Paros. Essas invectivas culminaram no suicídio coletivo da família, referido em duas passagens da *Antologia Palatina* (VII, 69 e 71).

² O Papiro de Colônia (Alemanha), materialmente datado entre os séculos II e I a. C., foi editado, pela primeira vez, por Merkelback e West (1974, p. 97-113). No papiro, encontram-se dois textos independentes: o primeiro, com 35 linhas, corresponde ao fragmento 196a West, e o segundo, com apenas cinco linhas, ao fragmento 188W. Neste último, tem-se como tônica a desonra de uma mulher por ter ela perdido o vigor da juventude. Não há unanimidade entre os helenistas no que diz respeito à autenticidade do papiro.

³ Constitui o fragmento 196aW um epodo de temática erótica no qual há um diálogo entre uma jovem e um homem que a seduz e, ainda, a referência depreciativa a uma terceira figura, Neobule, a filha de Licambas, desprezada pelo sujeito poético/narrador em proveito da jovem, talvez a mais nova irmã de Neobule.

MIMNERMO DE CÓLOFON (séc. VII a.C.)

Que vida, que prazer sem a áurea Afrodite?¹

Que eu morra, quando não mais me interessarem essas coisas:
um amor secreto, doces dons e um leito,
que são as amáveis flores da juventude
para homens e mulheres. Mas quando chega a dolorosa
velhice, que torna feio igualmente o homem belo,
sempre maus pensamentos consomem sua mente,
e ele não sente prazer de olhar os raios do sol,
mas é odiado pelos filhos e desprezado pelas mulheres.
Tão penosa fez um deus a velhice!

(Fragm. 1 Adrados)

Como a estação florida da primavera faz nascer as folhas
quando crescem depressa sob os raios do sol, nós,
semelhantes a elas, por pouco tempo, com as flores da juventude
alegramo-nos, sem saber o mal ou o bem vindo dos deuses.
Mas ao lado estão as negras *Kêres*,²
uma portadora da dolorosa velhice,
a outra, da morte. Pouco tempo dura o fruto da juventude,
tanto quanto sobre a terra o sol derrama sua luz.
E depois, quando chega esse fim da estação,
melhor é morrer logo do que viver,
pois muitos males surgem no coração: ora uma casa

é arruinada, e aparecem os efeitos dolorosos da pobreza;
um não tem filhos e, por muitíssimo
desejá-los, desce ao Hades debaixo da terra;
outro tem a doença que lhe destrói o espírito. Não há ninguém
a quem Zeus não dê muitos males.

(Fragm. 2 Adrados)³

Quando passa a juventude, nem o pai, outrora muito belo,
é honrado e amado pelos filhos.

(Fragm. 3 Adrados)

A Titono⁴ concedeu Zeus um mal eterno,
a velhice, que é mais terrível que a morte dolorosa.

(Fragm. 4 Adrados)

Mas passageira como um sonho é
a preciosa juventude. A penosa e disforme
velhice logo pende sobre a cabeça,
igualmente odiosa e desprezível, que torna irreconhecível
o homem, e, ao envolvê-lo, debilita-lhe os olhos e o espírito.

(Fragm. 5 Adrados)⁵

Tomara que, sem doenças e dolorosas inquietações,
a *Moira* da morte chegue aos sessenta anos!

(Fragm. 6 Adrados)

NOTAS

¹ Homero já designa Afrodite pelo epíteto *khrysês*, cf., por exemplo, *Ilíada* III, v. 64, passo em que o troiano Páris, respondendo à censura que lhe fizera o irmão Heitor, reprovando-lhe o avastamento da guerra, diz: “não me reprovos os amáveis dons da áurea Afrodite.”

² Sobre as *Moíras* ou *Kêres*, ver nota 5 de *Olímpica* I.

³ O fragmento constitui uma variação do tema homérico sobre o símile das folhas das árvores (cf. *Ilíada*, VI, vv. 145-9).

⁴ Sobre o mito de Titono, ver nota 1 ao novo poema de Safo.

⁵ Adrados segue a lição do antologista Estobeu (séc. VI), segundo o qual o fragmento 5 contém apenas cinco versos da lavra de Mimnermo. West, por outro lado, em sua edição crítica *Iambi et elegi Graeci*, 1992, p. 86, considera ter o fragmento em questão oito versos, dos quais os seis primeiros estão inseridos no *Corpus Theognideum* (vv. 1017-22. Cf. ONELLEY, 2009, p. 50):

De repente, um copioso suor corre em minha pele,
estou tomado por um sentimento de paixão ao ver a flor agradável
e tão bela da nossa idade; prouvera os deuses que ela fosse mais longa!
Mas, como um sonho passageiro, passa a
preciosa juventude; e logo a funesta e disforme
velhice está suspensa sobre nossa cabeça.

ALCEU (séc. VII a.C.)

[]
[]

A grande casa resplandece
com o bronze, e todo o teto está adornado para Ares
5 com elmos brilhantes, do alto
dos quais pendem brancos penachos de crinas de cavalo,
adorno para as cabeças
dos guerreiros;
proteção contra o dardo potente,
10 as cnêmides brilhantes de bronze, penduradas nos pregos,
ocultam-nos. As couraças de linho novo
e os escudos côncavos estão amontoados.
Ao lado, estão espadas da Calcídica,
ao lado, inúmeros cinturões e túnicas.
15 Dessas coisas não é possível esquecer, desde que,
primeiramente, empreendemos este trabalho.

(Fragm. 357 L.P.)

Não devemos entregar nosso coração às desgraças,
porque, se estivermos aflitos, em nada teremos êxito,
ó Bycchis: o melhor dos remédios
para os que produzem o vinho é embriagar-se.

(Fragm. 335 L.P.)³

NOTAS

¹ Escassas são as alusões à figura de Mirsilo na produção poética de Alceu de Mitilene (cf. fragmentos de L.P. 70, v. 7; 129, v. 28 e escólio ao fragmento 114 L.P.). No fragmento 332 L.P., de temática política, alude-se à morte de Mirsilo, tirano que governou Mitilene em fins do século VII a. C., cujo poder foi ameaçado pela facção política de Alceu, obrigado a refugiar-se em Pirra após a fracassada conspiração contra o tirano, conforme atesta o escólio ao fragmento 114 L.P. Após a morte do tirano, assume o poder Pítaco (cf. fragmento 348 L.P.), eleito, em 597-6 a.C., *aisymnéter*, cargo cuja função era a de restabelecer a paz entre partidos políticos em tempos de guerra civil. Assinale-se ter sido Pítaco alvo de invectivas de Alceu, em virtude de ter ele rompido o juramento feito a seus antigos companheiros de partido, ao qual Alceu pertencia, para unir-se a Mirsilo com quem parece ter governado Mitilene depois de 600/599 e antes de 597-6 a.C. (ALCÉE. *Fragments*. Tome I, p. XVIII – XX).

² A edição crítica usada para a tradução dos fragmentos de Alceu foi GREEK LYRIC, referida na bibliografia.

³ Passagem citada por Ateneu (*Athenaeus* 10, 430ab) para ilustrar que Alceu bebia em qualquer estação e ocasião (*apud* ALCÉE, *Fragments*, 2002, p. 146).

SAFO (séc. VII a.C.)

- Desejo sinceramente morrer:
ela me abandonava chorando
muito e dizia-me isto:
‘Oh, como sofremos terrivelmente,
5 Safo, certamente é contra a minha vontade que te deixo!’
E eu lhe respondi o seguinte:
‘Alegra-te, vai
8 e lembra-te
de mim, pois sabes como te amamos.
E se não sabes, eu quero te
lembrar
11 as coisas belas que experimentamos.
Com muitas grinaldas de violetas e
de rosas e de açafão conjuntamente
14 junto a mim tu te ungiste,
e, com muitas
entrelaçadas feitas
17 de flores,
deixaste cair guirlandas em volta de teu delicado pescoço;
e com muito ... perfume
caro...
20 e real te ungiste.
E numa cama macia
delicada ...
23 satisfazias o desejo...,

e não existia ninguém [] nem nada
 santuário
 26 de onde nós estivéssemos ausentes
 nem bosque. [] dança
 [] ruído.
 29 []
 (Fragm. 94 L.P.)

Mas, se tu és meu amigo,
 esforça-te para obter um leito mais novo,
 pois eu não suportarei viver com alguém
 se eu for a mais velha.
 (Fragm. 121 L.P.)

Vós, jovens, sede diligentes com os belos dons das Musas de colo violeta,
 e com a melodiosa lira, amante dos poetas. 2
 (12)
 Embora delicado fosse outrora o meu corpo, agora a velhice
 dele se apossou, e de negros brancos se tornaram os cabelos.
 4(14)
 Pesado se tornou meu coração, e as pernas não me suportam,
 elas que antes, como corças, eram ágeis para dançar.
 6(16)
 Isso lamento com frequência. Mas o que posso fazer?
 Um homem que não envelhece é impossível de acontecer. 8
 (18)
 Pois outrora diziam que a Aurora de róseos braços,
 tomada pelo amor, levou para as extremidades da terra 10
 (20)
 Titono,¹ por ser belo e jovem; mas dele se apoderou,
 com o tempo, a cinzenta velhice, embora tivesse uma imortal como esposa. 12 (24)
 (Novo fragmento de Safo)²

NOTAS

¹ Alusão ao mito de Titono, amado e raptado pela deusa Aurora que solicita a Zeus conceder ao objeto de seu amor a imortalidade, embora se tenha esquecido de pedir também a juventude eterna. Ao envelhecer e não mais corresponder às expectativas amorosas da deusa, Titono é inicialmente desprezado e encerrado numa cesta de vime e, por fim, metamorfoseado em cigarra. Para a narração integral do mito de Titono, cf. *Hinos Homéricos a Afrodite*, versos 218-46.

² O poema em pauta é resultante da junção do mais antigo fragmento papirológico de Safo (Papiro de Oxyrinco 1787, fragmento 1.4-25, fragmento 2.1) – publicado por Lobel-Page, em 1922, com o número 58 – com a mais recente descoberta acerca da poeta (Papiro de Colônia inv. 21351 e inv. 21376), anunciada por Michel Gnonewald e Robert Daniel, na Universidade de Colônia, na Alemanha, em 2004, época de sua primeira edição (*apud* CARVALHO, 2012, p. 96-7). Em 2005, Martin West reconstituiu o poema, com base no referido fragmento 58 Lobel-Page, e o publicou com o título “A new Sappho poem”, em *The Times Literary Supplement* 5334, de 24/6/2005.

SÓLON (séc. VI a.C.)

Da encantadora Salamina, venho eu mesmo como arauto,
recitando meu canto ornado de palavras em vez de um discurso.
(Fragm. 1W)

Pudesse eu, então, mudando de pátria, ser
um folegândrio ou um sicinita, em vez de ateniense!
De fato, logo este rumor surgiria entre os homens:
“Este homem é ateniense, um dos desertores de Salamina!”
(Fragm. 2W)

Vamos a Salamina para lutar pela ilha
encantadora e para nos livrar da terrível vergonha.
(Fragm. 3W)

Na verdade, ao povo dei tanto privilégio quanto lhe bastasse,
sem lhe ter tirado nem aumentado honra alguma.
Quanto aos que detinham o poder e eram admirados pelas riquezas,
a esses também cuidei para que não sofressem dano algum.
Mantive-me firme, lançando um forte escudo sobre ambos,
e não permiti a nenhum deles vencer injustamente.
(Fragm. 5W)¹

Mas se ainda agora também me ouves, abandona este pensamento
e não me guardes rancor porque falei melhor do que tu.
Modifica-o, *Ligyastádes*, e canta assim:

“que a *Moîra* da morte chegue aos oitenta anos!”

(Fragm. 20W)

Na verdade, são igualmente ricos quem possui muito prata
e ouro e campos de terra fértil em trigo,
cavalos e mulas, e quem dispõe do necessário
para passar bem de seu ventre, de seus flancos e de seus pés
e divertir-se com um jovem ou com uma mulher, sempre que chega desses

[prazeres

a estação e simultaneamente floresce a agradável juventude.
Esses bens são abastança para os mortais, porque com todas essas
riquezas ninguém chega à morada do Hades,
nem oferecendo resgate escaparia à morte, às penosas
doenças nem à chegada da maldita velhice.

(Fragm. 24W)

NOTA

¹ Fragmento citado por Aristóteles em *Constituição de Atenas*, XII, 1.

PÍNDARO (séc. VI-V a.C.)

Olímpica I

a Hierão de Siracusa,¹ vencedor na corrida de cavalos (476 a. C.)

Estrofe 1

O melhor é a água,
o ouro, como fogo incandescente,
brilha na noite mais do que a suntuosa riqueza.
Mas se desejas, meu coração,
celebrar os jogos,
5 não procures um outro astro brilhante mais ardente que o Sol,
de dia, no éter deserto,
nem celebremos jogos melhores que os de Olímpia.
Daí o hino renomado envolve
a mente criadora dos poetas, para cantar
10 o filho de Cronos, ao chegarem
ao opulento e bem-aventurado lar de Hierão,

Antístrofe 1

que se ocupa do cetro da justiça
na Sicília, rica em gado,
que colhe de todas as virtudes o melhor
e também se deleita
15 com o primor da música,

tal como nós, homens, nos divertimos muitas vezes
em volta da mesa amiga.

Pois bem, tira

do gancho a lira dória,

se, de algum modo, a glória de Pisa² e de Ferenico³

te subjugou a mente com os mais doces pensamentos,

20 quando, junto do Alfeu, o cavalo,

impulsionando seu corpo sem espora, se lançou na corrida

e conduziu seu senhor à vitória,

Epodo 1

o rei cavaleiro de Siracusa. A sua glória brilha

na colônia do lídio Pélops,⁴ fecunda em nobres varões.

25 Por ele o poderoso deus que abala a Terra,

Posêidon, se apaixonou, quando da bacia purificada

o retirou Cloto,⁵

ornado de marfim no ombro brilhante.

Muitas são certamente as maravilhas, e, ainda,

28 a fala dos mortais ultrapassa a versão verdadeira:

fábulas ornadas com hábeis mentiras enganam.

Estrofe 2

A Graça, justamente a que molda todas as coisas agradáveis para os

[mortais,

outorgando-lhes honra, também consegue, muitas vezes,

tornar crível o incrível,

mas os dias vindouros

serão os mais sábios testemunhos.

35 Fica bem ao homem dizer

coisas belas a respeito das divindades: menor será a culpa.

Ó filho de Tântalo, de ti falarei

ao contrário de meus antecessores: quando

teu pai, oferecendo em retribuição um banquete

aos deuses, os convidou para um bem preparado

festim no amado monte Sípilo, o deus de

40 tridente brilhante, então, te raptou,

Antístrofe 2

50 com o coração dominado pelo desejo,
e, em seus corcéis de ouro,
te transportou até a sublime morada do muito honrado Zeus.

45 Aí, num segundo momento,
chegou também Ganimedes,⁶ para prestar
o mesmo serviço a Zeus.

Mas, como estavas desaparecido, os homens
que te procuraram por muito tempo não te levaram
à tua mãe. Imediatamente, um dos invejosos vizinhos
contou em segredo que, no auge fervente
da água no fogo, te retalharam os membros
com uma faca, e, ao final, te dividiram e
50 comeram as carnes à mesa.

Epodo 2

A mim é impossível chamar de antropófago
qualquer um dos bem-aventurados. Recuso-me!
A punição cabe por sorte com frequência aos difamadores.
55 Se, na verdade, os protetores do Olimpo honraram um mortal,
esse foi Tântalo; mas ele
não foi capaz de suportar sua grande prosperidade e, por saciedade,
[recebeu
um enorme castigo, o de o pai
57b suspender sobre ele uma enorme pedra,
que, ao desejar sempre afastá-la da cabeça,
o priva da felicidade.

Estrofe 3

60 Ele leva essa vida perversa de castigo interminável,
depois de três, o quarto castigo,⁷ porque, tendo roubado
o néctar e a ambrosia dos imortais, os deu a seus convivas da mesma
[idade,
com os quais eles
o tornaram imortal. Mas se qualquer homem,
ao praticar uma ação, julga ocultá-la da divindade, engana-se.
65 Por isso, os imortais mandaram-lhe novamente o filho
de volta à efêmera raça dos mortais.
E quando, na flor da idade,
os pelos lhe cobriam o queixo escurecido,

ele prontamente pensou no casamento:

Antístrofe 3

70 obter a ilustre Hipodamia⁸ de seu pai, o soberano de Pisa.
Tendo-se aproximado, sozinho, do mar cinzento, na escuridão da noite,
72 invocava o deus de belo tridente, o dos ruídos retumbantes.
E ele lhe apareceu bem perto de seus pés.
75 Disse-lhe Pélops: “Pois bem, se, de algum modo,
os amáveis dons de Cípris têm algum encanto, ó Posêidon,
retém a lança de bronze de Oinômaos,
conduz-me em teu mais rápido carro
para a Élida⁹ e leva-me à vitória.

80 Depois de ter matado treze pretendentes,
ele adia o casamento

Epodo 3

da filha. Mas um grande risco
não alcança um homem covarde.
Para quem a morte é inevitável, por que alguém, sentado à sombra,
consumiria em vão uma velhice anônima, privado
de todas as coisas belas? Mas
este prêmio
85 está diante de mim; concede-me um feliz resultado!”
Assim falou, e não foram inúteis
suas palavras. Para honrá-lo, o deus deu-lhe
um carro de ouro e cavalos alados,
infatigáveis.

Estrofe 4

Ele venceu a força de Oinômaos e tomou a donzela
como esposa; e gerou seis condutores de povos, seis filhos ávidos por
[façanhas.
90 Agora, ele está presente nos magníficos sacrifícios sangrentos,
sepultado junto ao curso do Alfeu,
num túmulo circular, perto
do altar mais venerado pelos estrangeiros.
Brilha ao longe a glória
95 de Pélops, nas corridas dos Jogos Olímpicos, onde se disputa a
[velocidade dos pés
e os primores imbatíveis da força física.
O vencedor usufrui, para o resto da vida,

uma felicidade doce como o mel
graças aos jogos; mas sempre o bem de cada dia

Antístrofe 4

- 100 chega, de modo perfeito, a qualquer um dos mortais.
A mim cabe coroá-lo
em compasso equestre e melodia eólica.
Estou convencido de não louvar, com
as gloriosas modulações de meus hinos, entre os homens de agora, um
[hóspede
105 ao mesmo tempo conhecedor da beleza e superior em poder.

Como teu guardião, um deus zela por tuas
preocupações; ele tem esse cuidado, ó Hierão.
Se ele não te deixar logo,
espero, sem dúvida, tua vitória ainda tão doce

Epodo 4

- 110 celebrar, com o carro veloz,
depois de ter encontrado o valioso caminho das palavras,
chegando à iluminada colina de Cronos. Para mim, então,
a Musa prepara com energia o dardo mais poderoso.
- Em outras coisas, outros são grandes. Mas o cume
eleva-se para os reis. Não olhes para mais longe!
115a Que te seja possível caminhar esse tempo nos píncaros,
115b e que eu, de igual modo, me associe aos vencedores,
sendo renomado entre os helenos, em toda a parte, graças a minha arte!

Olímpica II

a Terão de Agrigento,¹⁰ vencedor na corrida de carro de cavalos (476 a. C.)

Estrofe 1

- Hinos, soberanos da lira,
que deus, que herói, que homem celebraremos?
Na verdade, Pisa é de Zeus; os Jogos Olímpicos
instituiu-os Hércules¹¹
como primícias da guerra.
5 Mas Terão, graças a sua vitória na quadriga,
deve ser celebrado, ele que é o observador justo dos hóspedes,
o baluarte de Agrigento,

o melhor condutor da cidade de ilustres ancestrais,

Antístrofe 1

os quais, tendo suportado muitas dores em seu coração,
 obtiveram uma sagrada morada à beira do rio e foram
 10 o olho da Sicília; e o tempo seguia marcado pelo destino,
 concedendo riqueza e glória
 às suas virtudes inatas.
 Pois bem, ó Crônida, filho de Reia, que reges a sede do Olimpo,
 o cimo dos jogos e o curso do Alfeu,
 deleitando-te com meus cantos
 protege-lhes, benevolente, doravante, a terra dos ancestrais

Epodo 1

15 para a geração vindoura. Das ações realizadas
 justa e injustamente
 nem o Tempo, pai de todas as coisas,
 poderia pôr-lhes fim aos atos.
 Mas o esquecimento, com uma boa sorte, poderá surgir.
 Sob as nobres alegrias, o sofrimento perverso,
 20 dominado, esvai-se,

Estrofe 2

quando o Destino divino conduz
 às alturas a sublime felicidade. Este preceito harmoniza-se
 com as filhas de Cadmo,¹² de belos tronos, que muito sofreram.
 Mas a dor insuportável desaparece diante de bens maiores.
 25 Vive entre os Olímpicos a que morreu fulminada pelo estrondo
 do raio, Sêmele,¹³ de longas madeixas; ama-a
 sempre Palas
 { amam-na também as Musas }¹⁴
 e também Zeus pai, e ama-a, mais ainda, o filho coroado de heras.¹⁵

Antístrofe 2

Dizem que no mar,
 entre as filhas marinhas de Nereu,¹⁶ uma vida imperecível
 30 foi dada a Ino¹⁷ para todo o sempre.
 Na verdade, dos mortais não está fixado
 o termo da morte,
 nem quando acabaremos um dia tranquilo, filho do Sol,
 com um bem indestrutível.
 Correntes, ora umas ora outras,

com alegrias e sofrimentos, chegam aos homens.

Epodo 2

- 35 Assim a *Moira*, que detém a boa sorte
ancestral desta família, com a felicidade divina,
traz também algum sofrimento,
que causa mudança em outro tempo.
Desde o dia em que o filho predestinado¹⁸ num encontro matou Laio,
cumpru o oráculo
40 há muito tempo anunciado em Delfos.

Estrofe 3

- Ao vê-lo, a Erínia¹⁹ de olhos penetrantes
destruiu-lhe a raça belicosa, às mãos uns dos outros;
mas, enquanto Polinices²⁰ foi morto, Tersandro,²¹
45 que foi honrado nos concursos juvenis
e nos combates bélicos,
sobreviveu, rebento protetor da casa dos Adrastidas²²
Por isso, convém que
o filho de Ainesidamos, cuja raiz provém desse sêmen,
receba encômios e melodias das líras.

Antístrofe 3

- Em Olímpia, ele mesmo
50 obteve o prêmio; em Delfos e também no Istmo,
as Graças,²³ em conjunto, trouxeram para o irmão, que compartilha
a mesma herança, as coroas dos vencedores em quadrigas,
na corrida de doze voltas; o êxito,
quando se experimenta a disputa, dissipa as inquietações.
Certamente a riqueza, adornada de talentos,
propicia a oportunidade
de uma e de outras coisas, submetendo o profundo espírito inquieto,

Epodo 3

- 55 astro brilhante, a riqueza, esplendor extremamente verdadeiro
para o homem! Se quem a possui conhece o futuro,
isto é, dos que morreram aqui
logo os espíritos perversos
expiam as faltas, e os delitos cometidos neste reino de Zeus
alguém os julga sob a terra,
60 proferindo uma sentença com hostil necessidade.

Estrofe 4

Em noites sempre iguais
 e tendo a luz do sol em dias também iguais,
 os nobres recebem uma vida menos penosa, já que não
 revolvem a terra com a força de seus braços
 nem a água do mar,
 65 em prol de uma vã subsistência, mas, junto aos honrados
 pelos deuses, os que se alegraram com a fidelidade ao juramento
 passam uma vida sem lágrimas,
 e os outros suportam um castigo que não se pode ver.

Antístrofe 4

Mas quantos ousaram,
 permanecendo de um e de outro lado, por três vezes,²⁴
 70 afastar completamente sua alma das injustiças,
 esses percorreram o caminho de Zeus até a
 fortaleza de Cronos; aí, em volta da ilha dos Bem-Aventurados,
 sopram as brisas oceânicas; flores de ouro brilham,
 umas da terra, oriundas das árvores luminosas,
 outras, a água as nutre;
 dessas flores entrelaçam com guirlandas as mãos e as coroas,

Epodo 4

75 sob as justas decisões de Radamanto²⁵
 que o grande pai de todos tem como seu eminente assessor,
 o esposo de Reia,²⁶
 a que ocupa o trono mais elevado.
 Peleu²⁷ e Cadmo são estimados entre eles.
 A mãe trouxe Aquiles,²⁸ depois que,
 80 com súplicas, comoveu o coração de Zeus.

Estrofe 5

Foi ele quem matou Heitor,
 baluarte inexpugnável e inabalável de Troia, e levou Cicno à morte
 e também o Etíope, filho da Aurora. Eu tenho muitas
 rápidas flechas,
 debaixo do braço na aljava,
 85 compreensíveis aos inteligentes; para a massa há necessidade
 de intérpretes. Sábio é aquele que conhece, por natureza, muitas coisas,
 mas os que aprenderam, como corvos violentos,
 que grasnem em vão em sua loquacidade

Antístrofe 5

contra a ave divina de Zeus!

Agora, aponta o arco para o alvo: vai, meu coração! Quem devemos

[atingir

90 de novo, lançando de nosso delicado ânimo

as gloriosas flechas?

Tendo-as apontado para Agrigento,

proclamarei uma sentença sob juramento, com pensamento verdadeiro:

que, em cem anos, nenhuma cidade gerou

homem mais generoso de alma para os amigos

e de mão liberal

Epodo 5

95 do que Terão. Mas a saciedade supera o elogio

quando não está associada à justiça, mas, por meio de homens

[insensatos,

o murmúrio pretende ocultar as belas ações

dos nobres já que a areia escapa ao cálculo.

E todas as alegrias que ele deu aos outros,

100 quem as poderia enumerar?

NOTAS

¹ Tirano que governou Siracusa de 476 a 467 a.C.

² Pisa é um lugar situado junto de Olímpia. Posteriormente, passou a designar Olímpia, localizada a oeste do Peloponeso às margens do rio Alfeu.

³ Ferenico significa “portador da vitória”; era o nome do cavalo com o qual Hierão alcançara a vitória na corrida de carros.

⁴ Pélops, filho de Tântalo, foi servido pelo próprio pai como iguaria aos deuses, durante a realização de um banquete. Segundo Grimal (1997, p. 363), duas podem ser as justificativas para o crime perpetrado por Tântalo: ou teria ele agido por respeito aos deuses, já que não havia em seu reino nenhuma outra vítima para oferecer às divindades, ou assim teria agido para testar a onisciência divina. Entretanto, os deuses reconheceram a carne que lhes fora servida, e nenhum deles a comeu, exceto Deméter que devorou parte do ombro de Pélops, reconstituído, segundo a versão mítica tradicional, pelas divindades, que o fizeram voltar à vida. Na *Olímpica* em pauta, apresenta-se uma variante do mito de Pélops, em virtude de não estar presente o episódio relativo à antropofagia de Deméter (v. 52), apenas aludido no v. 27, referente à colocação da espádua de marfim em substituição ao ombro comido pela deusa, e, ainda, nos versos 48-51 da referida ode.

⁵ Segundo Hesíodo (*Teogonia*, vv. 904-6), três são as *Moiras*: Cloto, Láquesis e Átropo. Personificam, com a ajuda de um fio, a duração da vida de cada homem, do nascimento até morte. Cloto é a fiandeira por excelência; Láquesis é a que enrola o fio da vida e sorteia o homem que deve morrer; Átropo é a responsável pelo corte do fio da vida.

⁶ Referência ao mito sobre o rapto de Ganimedes, presente em *Iliada*, XX, vv. 231-5 e nos *Theognidea* (vv. 1341-51. In: ONELLEY, 2010, p. 159). Na passagem épica, Zeus, fascinado pela beleza divina de Ganimedes, arrebatou-o da terra para servir-lhe de escanção no Olimpo. Nos *Theognidea*, o rapto do jovem configura uma situação erótico-pederástica, tendo em vista que Zeus, apaixonando-se por Ganimedes, o leva para o Olimpo e lhe concede a imortalidade. Note-se, ainda, que na epopeia a beleza do jovem é a motivação do rapto, ao passo que, nos versos elegíacos, a causa reside na ardente paixão que domina o coração de Zeus, justificativa que se harmoniza com a versão presente em *Olímpica* I.

⁷ Em virtude de Tântalo ter roubado o néctar e a ambrosia aos imortais, foi ele condenado, segundo a versão mítica presente na ode em questão, a equilibrar *ad aeternum* uma grande pedra sobre sua cabeça. Esse teria sido o quarto castigo, e as punições anteriores seriam, a julgar por *Odisseia*, XI, vv. 582-92, a sede, a fome e a desesperança do eterno sofrimento. A pedra de Tântalo, mencionada também em *Ístmica* VIII (vv. 9-10), representa, metaforicamente, o castigo imputado por Esparta e por Atenas a Tebas - a execução sumária dos políticos responsáveis pela aliança de Tebas com os persas. Acerca desse castigo, cf. HERÓDOTO. *Histórias*, IX, 85-7.

⁸ Hipodamia era filha de Oinômaos, rei de Pisa na Élida. Um oráculo havia anunciado ao rei que ele morreria pelas mãos de seu genro, razão pela qual matava todos os pretendentes numa corrida de carros. Segundo a tradição mítica, Pélops venceu Oinômaos com a ajuda de Mirtilo, o auriga do próprio rei, que teria afrouxado os

pinos da roda do carro, provocando-lhe a queda e a morte. Na citada ode (vv. 86b-89), foi o deus Posêidon o responsável pela vitória de Pélops, já que lhe concedera um carro de ouro e cavalos alados. Na versão mítica presente na ode, evita-se macular a imagem do herói Pélops, fundador dos Jogos Olímpicos em memória de seu sogro Oinômaos.

⁹ A pedra de Tântalo, mencionada também em *Ístmica VIII* (vv. 9-10), representa, metaforicamente, o castigo imputado por Esparta e por Atenas a Tebas - a execução sumária dos políticos responsáveis pela aliança de Tebas com os persas. Acerca desse castigo, cf. HERÓDOTO. *Histórias*, IX, 85-7.

¹⁰ Tirano que governou Agrigento de 476 a 472 a.C.

¹¹ Referência à fundação dos Jogos Olímpicos pelo herói mítico Hércules. Retoma-se, em *Olímpica X* (vv. 24-42), o tema da instituição dos Jogos Olímpicos por Hércules. Nos mencionados versos, o eu poético, ao referir-se ao episódio do mito de Hércules acerca da limpeza dos estábulos do rei Áugias, explica, em pormenor, a fundação das competições olímpicas pelo herói, após a morte de Cetéato e Êurito, sobrinhos do citado rei, que se negara a cumprir a promessa de dar a Hércules uma parte do rebanho como pagamento pela limpeza dos estábulos. Nos versos 43-75 da mencionada ode, nomeiam-se o local onde foram estabelecidos os jogos, a primeira festa olímpica, a origem dos prêmios e o nome dos primeiros vencedores. Os Jogos Olímpicos teriam sido fundados primeiramente por Pélops, mas, por terem sido esquecidos, foram reinaugurados por Hércules em memória e honra daquele. Algumas vezes, consideram-se esses jogos como competições fúnebres, celebradas em memória de Oinômaos, sogro de Pélops.

¹² Evoca-se o passado mítico dos Emênidas, linhagem fundadora de Agrigento e da qual se destacou o tirano Terão, filho de Ainesidamos (v. 47), cujos ascendentes míticos remontam a Cadmo, rei lendário de Tebas (v. 23). Note-se que, nos versos 22-30, há referências às filhas desse rei, Sêmele e Ino – cujas vicissitudes terrenas se transformam em bem-aventurança imortal – e, nos versos 38-45, a outros antepassados míticos, como Laio, Édipo, Polinices e Tersandro. Deste último, filho de Polinices e da princesa Argia, salvadora da linhagem (v. 43 *sqq.*), descende Terão de Agrigento. A alusão às filhas de Cadmo e, por extensão, aos demais ancestrais do tirano, históricos e míticos, reitera o tema da oscilação da sorte e da possibilidade de êxito e de felicidade ao final dos infortúnios, lugar-comum a todas as partes de que se compõe o canto triunfal em honra a Terão de Agrigento.

¹³ Ao seguir os conselhos da enciumada Hera, esposa de Zeus, Sêmele pedira ao Olímpico que se mostrasse em todo o seu esplendor. Não resistindo, porém, à epifania da divindade, Sêmele morre fulminada. Posteriormente, foi ela resgatada do Hades por seu filho Dioniso – fruto de sua união com Zeus –, que não só a imortalizou, mas com ela escalou o Olimpo, onde passou a conviver com os imortais.

¹⁴ O verso 27a foi inserido entre chaves na edição de Snell-Maehler (In: PINDARI CARMINA....), em virtude de as Musas terem sido mencionadas nos escólios 48eg, embora o escólio 48 o refute, por razões métricas (*apud* TORRES, 2007, p. 279, nota 12).

¹⁵ Epíteto de Dioniso. A hera é um dos vegetais consagrados a essa divindade, além da vinha, da figueira, do carvalho, do mirto e do pinheiro.

¹⁶ Nereu é o Velho do Mar, pai das Nereidas.

¹⁷ Ino é irmã de Sêmele (cf. notas 12 e 13). Acometida de loucura por desígnio de Hera – em virtude de ter Ino recebido e criado Dioniso, filho de Sêmele e Zeus –, a jovem mata o próprio filho (Melicertes) e com ele atira-se ao mar. Resgatada pelas divindades marinhas, foi transformada em Nereida e denominada Leucoteia, divindade protetora dos navegantes (*Odisseia*, V, vv. 33-8).

¹⁸ Alusão a Édipo cujo nascimento foi marcado por uma maldição: matar, sem o saber, o próprio pai Laio. Ressalte-se que o nome de Édipo não é mencionado, sendo o personagem apenas evocado por meio da expressão “filho predestinado”. Kirkwood (1982, p. 68) denomina a simples alusão à passagem de um mito, certamente conhecido pelo público ouvinte, “técnica da ênfase por supressão”.

¹⁹ Divindade vingadora de crime de sangue, mormente crimes de pessoas ligadas por consaguineidade. Acerca do nascimento das Erínias, cf. *Teogonia*, v. 185.

²⁰ Simples alusão à luta fratricida entre Etéocles e Polinices, filhos de Édipo, pela posse do reino de Tebas.

²¹ Tersandro era filho de Polinices e neto de Édipo. Seus êxitos, alcançados nos jogos e na guerra, neutralizam, de certa forma, as desventuras familiares oriundas da mácula de Édipo e reintroduzem a figura de Terão que, por suas vitórias, se identifica com Tersandro, seu ancestral mítico.

²² Alusão à mãe de Tersandro, a princesa Argia, filha de Adrasto, que, com o genro Polinices, lutara pela posse do trono de Tebas, na desastrosa expedição dos Sete Chefes contra Tebas. Posteriormente, numa segunda guerra travada contra Tebas, Adrasto e os Epígonos – nome dado aos filhos dos sete heróis mortos na primeira luta – venceram e estabeleceram Tersandro como rei.

²³ As Graças são três divindades, Aglaé, Eufrosina e Talia, cujas atribuições estão vinculadas às atividades intelectuais, aos deleites da vida e à beleza. Na ode em pauta, são elas que conferem a vitória atlética ao irmão de Terão, Xenócrates, apenas aludido na *Olímpica* II (vv. 51-2a). Em *Olímpica* XIV, apresenta-se uma prece às Graças, invocadas como inspiradoras da voz do poema, na perfeita elaboração de seus versos, e do atleta homenageado, Asópico de Orcômeno, vencedor na corrida do estádio provavelmente em 488 a.C.

²⁴ Do verso 56 ao 83, há referências ao destino *post-mortem* dos homens, considerado de três formas: o julgamento “sob a terra”, possivelmente no Hades (vv. 56-60), a sorte concedida aos piedosos e aos maus (vv. 61-7) e a bem-aventurança dos imaculados que, durante três ciclos consecutivos de existência – três na Terra e três no Hades –, se dirigem a um lugar paradisíaco, a ilha dos Bem-Aventurados.

Radamanto é filho de Zeus e de Europa. Após a morte, passou, por sua sabedoria e justiça, a julgar os mortos no Hades, ao lado de Minos e de Éaco.

Filha de Geia e de Urano, Reia é esposa de Cronos.

Pai de Aquiles e esposo de Tétis.

²⁸ Como justificativa da presença do herói Aquiles entre os Bem-Aventurados, evoca-se, nos versos 79-82, a célebre cena de *Ilíada* I (vv. 503-10) em que Tétis suplica a Zeus interceder por seu filho, reparando-lhe a desonra imposta por Agamêmnon. A despeito de o ingresso do herói na Ilha ter ocorrido por intercessão divina, sublinha-se o valor guerreiro de Aquiles, por meio das indicações dos nomes de Heitor, “baluarte inexpugnável e inabalável de Troia” (v. 82), de Cicno, filho de Posêidon, e de Mêmnon, o Etíope, todos mortos por Aquiles.

BAQUÍLIDES (séc. VI-V a.C.)

*Ode III*¹

A Hierão de Siracusa, vencedor na corrida de carro de cavalos em Olímpia (468 a.C.).

Estrofe 1

Canta, ó Clío² de doces dons, a soberana
da Sicília de excelentes frutos, Deméter,³
a Donzela, coroada de violetas, e as velozes
éguas de Hierão, corredoras em Olímpia!

Antístrofe 1

5 Na verdade, elas se lançaram com a eminente Vitória
e com a Glória, junto do Alfeu⁴ de largos redemoinhos,
onde concederam ao venturoso filho
de Deinômenes⁵ obter coroas.

Epodo 1

10 E a inumerável multidão gritou:
'Ah, três vezes feliz o homem
que, tendo obtido da parte de Zeus
a prerrogativa de governar o maior número de Helenos,
não sabe ocultar a riqueza, edificada como uma torre
na escuridão de negro manto!

Estrofe 2

15 Os templos estão repletos de festas sacrificiais de bois,
as ruas, repletas de hospitalidade;
brilha sob as cintilações o ouro
das trípodas altas e ricamente forjadas, erguidas

Antístrofe 2

20 diante do templo, onde os Delfios se ocupam
do grandioso santuário de Febo junto das correntes de Castália.⁶
Que alguém glorifique um deus, um deus,
pois essa é a melhor das venturas!

Epodo 2

25 Pois outrora também o regente da Lídia domadora de cavalos,
Creso,⁷ quando Sardes –
que fez cumprir a sentença predestinada de Zeus –
foi tomada pelo exército dos Persas,

Estrofe 3

30 Apolo, o de áurea espada, o salvou. Mas ele, ao dia inesperado
tendo chegado, não tinha a intenção de
ficar na servidão de muitas lágrimas;
e construiu uma pira,
diante do pátio de muro de bronze,

Antístrofe 3

35 onde subiu com sua fiel esposa
e com suas filhas de tranças formosas,
que copiosamente choravam; e, levantando suas mãos
para o alto céu,

Epodo 3

40 clamou: “poderosa divindade,
onde está a gratidão dos deuses?
Onde está o soberano filho de Letô?
Estão destruídos os palácios de Aliates⁸
..... de inumeráveis

Estrofe 4

45 cidade,
tinge-se de sangue o de áureos redemoinhos,
o rio Pactolo,⁹ e, vergonhosamente, as mulheres

são levadas à força de seus aposentos bem construídos.

Antístrofe 4

O que antes era odioso é agora querido: dulcíssimo é morrer.”

Assim falou e ordenou a seu servo de passo delicado

que incendiasse a construção de madeira; gritavam

50 as donzelas, e suas mãos alçavam

Epodo 4

até sua mãe. Na verdade, a que se mostra claramente

aos mortais é a mais odiosa das mortes.

Mas quando do terrível fogo

a força brilhante se lançava por todos os lados,

55 Zeus, tendo colocado em cima uma nuvem envolta de escuridão,
apagava a chama incandescente.

Estrofe 5

Nada é incrível do que o pensamento dos deuses

determina; então, Apolo, nascido em Delos,

levando o ancião para os Hiperbóreos,¹⁰

60 estabeleceu-o com suas filhas de delicados tornozelos,

Antístrofe 5

por piedade, porque, entre os mortais,

enviara os maiores dons para a sagrada Delfos.

De todos os que habitam a Hélade, ninguém,

ó ilustre Hierão, desejará

Epodo 5

65 afirmar ter enviado mais ouro do que tu,

entre os mortais, para Lóxias.¹¹

É possível que qualquer um que não se regozija com a inveja louve
um homem amado pelos deuses, amante dos cavalos, guerreiro,

70 detentor do cetro de Zeus e

Estrofe 6

de um quinhão das Musas coroadas de violetas

.....

..... efêmero

..... observas; breve é a existência.

Antístrofe 6

75 A esperança enganosa penetra no coração
dos efêmeros mortais. Mas o soberano Apolo
... disse ao filho de Feres:¹²

“Por seres mortal, é preciso que tenhas em mente

Epodo 6

80 dois pensamentos: que só amanhã verás
a luz do sol e que, durante cinquenta anos,
terás uma vida de profunda riqueza.
Alegra teu coração, praticando atos piedosos: de fato, essa
é a mais importante das recompensas.

Estrofe 7

85 Para quem pensa digo palavras compreensíveis:
imaculado é o céu profundo. A água do mar
não se deteriora. O ouro é a felicidade.
Mas não é possível ao homem que alcançou

Antístrofe 7

90 a velhice encanecida reaver a florescente
juventude. Porém, a luminosidade do valor
não diminui juntamente com o corpo dos mortais, mas é
a Musa que o alimenta. Mas tu, Hierão, mostraste

Epodo 7

aos mortais as mais belas flores da felicidade.
Ao homem bem-sucedido
95 o silêncio não traz glória. Com a verdade das coisas belas,¹³
alguém celebrará a graça do rouxinol
de Ceos de voz melodiosa.

NOTAS

¹ A *Ode* III celebra o tirano Hierão de Siracusa, vencedor na corrida de carro de cavalos, na 78ª Olimpíada em 468 a.C. Vale lembrar que essa modalidade era a prática desportiva mais importante entre os gregos, sobretudo se a vitória fosse alcançada nos *Jogos Olímpicos*, os mais importantes de todas as celebrações atléticas. Por essa razão, o poema em pauta precede, no livro de epinícios consagrados a Baquilides, as odes IV e V, anteriores cronologicamente, que celebram as vitórias do tirano, respectivamente, na corrida de carros de quatro cavalos, porém nos Jogos Píticos (470 a. C.), e na corrida de cavalos nos Jogos Olímpicos (476 a.C.). É interessante observar que em *Olímpica* I, ode de Píndaro dedicada a Hierão de Siracusa, vencedor na corrida de cavalos, em 476 a.C., em Olímpia, a voz do poema faz referência à importância da vitória em quadrigas e, ainda, faz votos de que, no futuro, o tirano seja vencedor nessa modalidade esportiva (cf. *Olímpica*, I, vv. 108-11).

² Clío, uma das nove Musas, referidas em *Teogonia* nos versos 75-80.

³ Deméter é a deusa da fecundidade, cuja filha, *Kóre*, “*Donzela*” (v. 3), foi raptada por Hades, o deus subterrâneo. Essas deusas eram reverenciadas pelos sicilianos (cf. BAQUÍLIDES, *Odas y fragmentos*, p. 15, nota 5).

⁴ Alfeu: rio de Olímpia.

⁵ Deinômenes é o pai de Hierão, tirano de Siracusa no período compreendido entre 478 a. C. e 466 a. C.

⁶ Castália é o nome de uma fonte no monte Parnaso, na Fócida, considerado o símbolo universal do culto da poesia. Os habitantes de Delfos serviam-se de suas águas para as purificações no templo de Apolo.

⁷ Creso foi o último rei da Lídia (560-46 a. C.), região situada no centro da parte ocidental da Ásia Menor. Em expedição contra Ciro, rei dos Persas, Creso foi derrotado, e seu império, capturado. Segundo relata Heródoto (*História* I, 86 *sqq.*), Creso recebera em seu reino a visita do legislador Sólon – fato cronologicamente impossível – e perguntara-lhe o nome do homem mais feliz de todos. Em resposta, Sólon mencionou apenas os nomes de três homens que viveram de acordo com o princípio do “nada em excesso” e discorreu, ao final de seu discurso, sobre a questão da incerteza em relação à felicidade dos mortais. Quando o rei da Pérsia determinou que Creso fosse queimado em uma pira, este último pronunciou três vezes o nome de Sólon, lembrando-se do diálogo travado com o ateniense, sobretudo no que diz respeito à impossibilidade de o homem considerar-se feliz enquanto vivo. Ciro, então, depois de questioná-lo sobre a identidade de Sólon e de tomar conhecimento das palavras do sábio ateniense, decidiu poupar a vida do rei lídio, fazendo-o seu conselheiro. Na versão do mito de Creso apresentada na *Ode* III, há algumas diferenças em relação à narrativa herodotiana. Na primeira, foi o próprio Creso quem mandou construir uma pira para que ele e sua família escapassem à escravidão persa. Acresce, ainda, ter sido o próprio Zeus o responsável pela extinção das chamas e não Apolo que, nos versos de Baquilides, arrebatou, por piedade, Creso e suas filhas

conduzindo-os ao país dos Hiperbóreos (cf. vv. 58-62), povo mítico que habitava o extremo norte do mundo onde o Sol aparecia somente uma vez por ano. Segundo a lenda, os Hiperbóreos eram felizes e cultuavam o deus Apolo. A alusão aos Hiperbóreos na ode em pauta pode ter sido inserida para consolar Hierão de Siracusa, que se encontrava enfermo, conforme anota Fernando G. Romero (cf. BAQUÍLIDES. *Odas y fragmentos*, p. 13, nota 1).

⁸ Pai de Cresos, rei da Lídia, e fundador do império lídio (c. 610-560 a. C.).

⁹ O Pactolo é um rio da Lídia e representa, nesse verso, a decadência econômica de Cresos (cf. BAQUÍLIDES. *Odas y fragmentos*, p. 18, nota 15).

¹⁰ Cf. nota 7.

¹¹ Epíteto consagrado a Apolo, nomeadamente relacionado com seus oráculos.

¹² Feres foi o fundador da cidade de Feres na Tessália. Após a sua morte, Admeto, seu filho, assumiu o trono. Teve ele como guardião de seu reino Apolo, castigado pelo olímpico Zeus por ter o deus flecheiro matado os Ciclopes.

¹³ A expressão “com a verdade das coisas belas” refere-se às vitórias do tirano de Siracusa, designadamente o êxito alcançado na corrida de carro nos Jogos Olímpicos, celebrado na ode em questão (cf. BAQUÍLIDES. *Odas y fragmentos*, p. 21, nota 25).

BIBLIOGRAFIA

ALCÉE-SAPPHO. *Texte établi et traduit par Théodore Reinach*. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

ALCÉE. *Fragments I-II*. *Texte établi, traduit et annoté par Gauthier Liberman*. 2^{ème}. Tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002 [1999].

ANTOLOGIA PALATINA. *Epigrammi erotici: libro V i libro XII*. *Introduzione e note di Guido Paduano*. I classici della Bur: Biblioteca Universale Rizzoli, 1989.

ARISTOTE. *Constitution d'Athènes*. *Texte établi et traduit par G. Mathieu et B. Haussoullier*. 8.tir. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

BACCHYLIDES. *A Selection*. Edited by H. Maehler. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BACCHYLIDIS CARMINA CUM FRAGMENTIS. Edidit Hervicus Maehler. Madrid: Editorial Coloquio, 1988 [BSB B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, Leipzig, 1970].

BAQUÍLIDES. *Odas y Fragments*. *Introducciones, traducción y notas de Fernando Garcia Romero*. Madrid:Gredos, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 1991.

CARVALHO, Sofia de. *Representações e hermenêutica do eu em Safo: análise de quatro poemas*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da

Universidade de Coimbra. 2012.

DICIONÁRIO OXFORD DE LITERATURA CLÁSSICA GREGA E LATINA. Compilado por Sir. Paul Harvey. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 [1937].

GREEK LYRIC I SAPPHO AND ALCAEUS. Edited and translated by David A. Campbell. London: Harvard University Press, 1994 [1982].

GRONEWALD, M; DANIEL, R. W. ‘Ein neuer Sappho Papyrus’. *Zeitschrift für Papyrologie (ZPE)* 147, 2004. p.1-8.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da mitologia Grega e Romana*. 3ª.ed. Tradução de Vítor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HERÓDOTO. *História*. Tradução de J. Brito Broca. 2ª. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

HESIOD. *Theogony*. Edited with Prolegomena and Commentary by M. L. West. Oxford: Oxford University Press, 1966.

_____. *Works and Days*. Edited with Prolegomena and Commentary by M. L. West. 3th. edition. Oxford: Oxford University Press, 1982.

HESÍODO. *Teogonia - Trabalhos e Dias*. Introdução, tradução e notas de Ana Elias e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

HINOS HOMÉRICOS. Tradução, notas e estudo de Edvanda Bonavina da Rosa *et al.* Edição e organização de Wilson Alves Ribeiro Júnior. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, 2009 [2005].

_____. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.

HIRATA, Elaine, F. V. As odes de Píndaro e as tiranias siciliotas. *Clássica: revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo: SBEC, 1988, v. 9/10 1996/1997. p. 61-71.

IAMBI ET ELEGY GRAECIANTE ALEXANDRUM CANTATI. Edited by Martin L. West. 2nd. edition. London: Oxford University Press. 1989 (v. I) / 1982 (v. II).

JESUS, Carlos Martins. A *Lolita* de Arquíloco: Menina e Devassa. *Boletim de Estudos Clássicos* 42. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2004. p. 15-33.

KIRKWOOD, Gordon. *Selections from Pindar*. Edited with an introduction and commentary. Chicago: Scholars Press, 1982.

MERKELBACH, R.; WEST, M. L. ‘Ein Archilochos-Papyrus’. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 14 (ZPE 14), 1974. p. 97-113.

ONELLEY, Glória Braga. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PÍNDARO. *Odas y fragmentos: Olímpicas, Píticas, Nemeas, Ístmicas, Fragmentos*. Introducciones, traducción y notas de Afonso Ortega. Madrid: Gredos, 1984.

PINDARI CARMINA CVM FRAGMENTIS PARS I EPINICIA. Edidit Hervicus Maehler. Bruno Snell. German: BSB B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1971.

POETARUM LESBIORUM FRAGMENTA. Edidit Lobel-Page. Oxford: E. D. Oxford, 1963.

TORRES, Daniel A. *La escatología en la lírica de Píndaro y sus Fuentes*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2007.

WEST, M. L. A new Sappho poem. *The Times Literacy Supplement (TLS)* 5334, 24/6/2005

_____. 'A new Sappho poem'. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 151 (ZPE), 2005. p.1-9.

ÉSQUILO (séc. VI-V a.C.)

Persas

O coro de anciãos persas canta o contingente do exército de Xerxes, formando o extenso catálogo de nomes e povos bárbaros mencionado no párodo¹ de *Persas*. O mensageiro, no primeiro episódio dessa tragédia, informa à rainha Atossa os nomes dos chefes bárbaros mortos na batalha de Salamina, que compõem o catálogo conhecido comumente como lista dos mortos na guerra.

O catálogo dos combatentes bárbaros (párodo, v. 21-58)²

CORO

Tal como Amistres e Artáfrenes,
também Megabates e Astaspes,
comandantes dos Persas,
reis submetidos ao Grande Rei,
25 precipitam-se, éforos³ do grande exército,
tanto de domadores do arco quanto de cavaleiros,
medonhos de ver e extraordinários em batalha,
com uma corajosa determinação de espírito;
e ainda Artêmbares, belicoso cavaleiro,
30 e Masistres, e o domador do arco,
o corajoso Imaio, e ainda Farandaces
e Sostanes, condutor de cavalos.

Outros o grande e muito nutriz
 Nilo enviou: Susiscanes,
 35 Pegastágon, nascido de Egito,
 e o chefe da sagrada Mênfis,
 o grande Arsames, e o dirigente
 da antiquíssima Tebas, Ariomardo,
 e ainda remadores que, com naus, atravessam pântanos,
 40 uma multidão, extraordinários e inumeráveis.
 Uma turba de Lídios de modos refinados
 os segue, que dominam inteiramente
 o povo nascido no continente; Mitrógates
 e o nobre Arcteu, reis soberanos,
 45 e Sardes, plena de ouro, os impelem,
 transportando-os nos muitos carros,
 invenções de dois ou de três timões,
 visão medonha de ver quando se aproxima.
 Os vizinhos do sagrado Tmolo prometem
 50 lançar em torno da Hélade o jugo⁴ da escravidão,
 Márdon, Táribis, bigornas da lança,
 e os Mísios, arremessadores de dardos; a Babilônia,
 plena de ouro, uma turba confusa, em longas colunas,
 envia, fiéis transportados por naus
 55 e com a vontade de retesar o arco.
 A raça portadora de sabres,
 proveniente de toda a Ásia, avança,
 sob a condução da extraordinária comitiva do Rei.

A lista dos mortos na guerra (1º episódio, v. 302-30)⁵

MENSAGEIRO

Mas Artêmbares, comandante de uma cavalaria de dez mil,
 choca-se contra as duras margens de Silêneas.
 E o quiliarco Dádaces, ao golpe de uma lança,
 305 com um salto ligeiro, pulou da nau.
 O excelente Ténagon, de nobre origem entre os Báctrios,
 rodopia pela ilha de Ájax batida pelo mar.
 Lilaios, Ársames e um terceiro, Argestes,
 em torno da ilha alimentadora de pombos,
 310 vencidos, chifravam⁶ a vigorosa terra.
 E, vizinho às fontes do Nilo egípcio,
 [313] 312 Farnuco morreu, e ainda os que caíram de uma nau,
 [312] 313 Arcteu, Adeues e um terceiro, Feresseues.
 Matalo de Crisa, comandante de dez mil homens, ao morrer,

[318] 315 sua barba ruiva, cheia e umbrosa
molhava, trocando sua cor em uma imersão púrpura.
E Mago, o árabe, e Ártabes, o Báctrio,
[315] 318 general de trinta mil cavaleiros negros,
um meteco⁷ em terra áspera, foi ali consumido.
320 Amístris e Anfistreu, que maneja uma lança
cheia de dor, o resoluto Ariomardo,
que causou luto para Sardes, e Sísames, o Mísio,
Táribis, comandante de cinco vezes cinquenta
naus, descendência de Lirna, homem de bom aspecto,
325 jaz, miserável, morto de modo não muito afortunado;
Siénesis, o primeiro em coragem,
chefe dos Cilícios, um homem causador de muita dor
para seus inimigos, sucumbiu gloriosamente.
Desse tanto, lembrei-me dos chefes,

330 mas, entre os muitos presentes, anuncio poucos males.

NOTAS

¹ O párodo é a parte da tragédia em que o coro entra em cena pelas partes laterais do teatro grego, denominadas *párodoi*. Nesse sentido, o termo designa tanto um elemento próprio da estrutura do gênero literário tragédia quanto uma parte estrutural do teatro grego.

² O texto dos dois catálogos aqui traduzidos pertence à edição crítica estabelecida por Edith Hall. AESCHYLUS. *Persians*. Greek text with introduction, translation and commentary by Edith Hall. Warminster: Aris & Phillips LTD, 1997.

³ O termo está empregado em sentido metafórico. Os éforos constituíam os mais poderosos magistrados eleitos em Esparta. Eles tinham a função de supervisionar os reis e podiam até multá-los. Para maiores detalhes sobre esses magistrados, ver Harvey (1998, p. 211). Em *Persas*, os éforos são transportados metaforicamente para o mundo bárbaro construído por Ésquilo, simbolizando o poder absoluto de Amistres, Artáfrenes, Magabates e Astaspes sobre o imenso exército persa.

⁴ O jugo é o instrumento utilizado para atrelar bois e cavalos a um carro. A metáfora usada neste verso tem um valor que depende do sentido literal desse instrumento. Para o conhecimento desta e de outras metáforas presentes na obra esquiliana, ver Dumortier (1975).

⁵ Ebbot (2000, p. 83) diz que a lista dos mortos na guerra de *Persas* parece ter sido inspirada nas listas de desastres atenienses, cujo objetivo é louvar os indivíduos mortos em guerras, garantindo-lhes as honras fúnebres. O discurso trágico esquiliano subverte o significado de tais listas, ao apresentar à audiência ateniense inimigos mortos que foram deixados sem nenhuma sepultura.

⁶ A metáfora, proveniente do âmbito animal, enfatiza a imagem dos cadáveres dos três chefes boiando e batendo com suas cabeças na terra que margeia o mar.

⁷ Esta metáfora pertence ao mundo político ateniense. O meteco era o estrangeiro que, pelo pagamento de uma taxa de residência anual, o *metoikion*, obtinha o direito de residir em Atenas, com obrigações semelhantes às dos cidadãos, mas sem gozar dos mesmos direitos políticos (os metecos, por exemplo, não tinham o direito de votar). Aristóteles, provavelmente, foi o meteco mais célebre da Antiguidade. Para maiores detalhes sobre esta figura política, ver Mossé (2004, p. 200-2).

Sete contra Tebas

O mensageiro anuncia ao seu rei Etéocles os sete chefes postados diante das portas de Tebas e descreve seus escudos imagéticos (2º episódio da tragédia *Sete contra Tebas*).

Tideu e o seu escudo (v. 375-96)¹

375 Posso dizer, pois bem sei, os fatos sobre os adversários,
 como, nas portas, cada um foi designado a um lote por sorteio.
 Tideu,² agora mesmo, diante da porta de Preto,
 brame, mas o adivinho não o deixa atravessar a passagem
 do Ismeno, pois os sacrifícios não mostram sinais favoráveis.
380 Tideu, enfurecido e ávido de combate,
 grita como uma serpente no sibilar do meio-dia
 e lança injúrias ao adivinho, sábio filho de Oicles,
 que, com falta de ar, afaga a morte e a batalha para demovê-las.
 De tal maneira urrando, agita três cristas que lhe dão
385 sombra, o penacho do capacete, e, escondidos debaixo do escudo,
 sinos forjados em bronze fazem ressoar o medo.
 Possui este emblema orgulhoso sobre o escudo:
 um céu fabricado, resplandecente de estrelas;
 e uma brilhante lua cheia no meio da égide,

390 o mais respeitável dos astros, o olho da noite, fulgura.
De tal maneira inquieto, com seus equipamentos prepotentes,
grita junto às margens do rio, desejoso de batalha,
como um cavalo que, arfando por causa dos freios, fica à espera,
porque está impaciente na expectativa do grito da trombeta.
395 Quem posicionarás contra ele? Quem merece confiança
para colocar-se diante das portas de Preto, ao serem abertas as
[trancas?

Capaneu e o seu escudo (v. 423-36)

Capaneu foi designado por sorteio para a porta de Electra,
um gigante³ este outro, mais forte do que o mencionado antes,
425 e sua jactância não está em conformidade com a sensatez humana,
e fala às torres ameaças terríveis - que tomara o destino não
[realize!-,
pois, querendo ou não o deus, ele diz que irá
destruir por completo a cidade, de modo que nem a discórdia
de Zeus, lançada à terra contra ele, irá retê-lo em seu caminho.
430 Preferiu relâmpagos e quedas
de raios ao calor do sol do meio-dia.
Seu emblema possui um homem nu portador do fogo,
e uma tocha que arma suas mãos o ilumina;
e ele proclama em letras de ouro: “Incendiarei a cidade.”
435 Contra este varão envia... Quem irá enfrentá-lo?
Quem resistirá por não temer um homem de fala arrogante?

Etéoclo e o seu escudo (v. 457-71)

E agora falarei de outro que aqui, próximo à porta, foi designado
por sorteio; ao terceiro, Etéoclo,⁴ um terceiro lote
saltou do capacete de bom bronze virado ao contrário,
460 para lançar sua tropa contra a porta Nova.
Ele faz os cavalos dar voltas relinchando
nas rédeas, porque deseja jogá-los contra as portas.
Mordaças flauteiam um canto bárbaro,
ao encherem-se dos sopros ressoantes das narinas.
465 O seu escudo esquematiza-se de um modo não simples:
um homem hoplita, pelos degraus de uma escada,
avança contra a torre dos inimigos, desejando destruí-la.
Ele ainda grita, em sílabas que formam palavras,
que nem Ares poderia retirá-lo das muralhas.
470 Então, contra este varão, envia alguém de confiança
para manter distante desta cidade o jugo da escravidão.

Hipomedonte e o seu escudo (v. 486-500)

Um outro, o quarto chefe, possuindo a porta vizinha
 de Atena Onca, aproxima-se com um grito,
 o tipo e a grande forma de Hipomedonte;
 um grande disco - eu falo do círculo do escudo -,
 490 após ser girado, eu tremi; não falarei de outro modo.
 O artista do emblema certamente não era alguém comum,
 porque ele aplicou ao escudo este trabalho:
 o Tifão, lançando pela boca inflamada
 uma chama negra, irmã agitada do fogo;
 495 e a cavidade circundante do escudo de ventre côncavo
 é fixada solidamente com espirais de serpentes.
 Ele mesmo lança um grito de guerra, e, possuído por Ares, está
 em entusiasmo báquico, como aspirando o terror vindo da festa de
 [Baco.
 Deve-se ficar bem atento a tal varão,
 500 pois Terror vangloria-se logo ali diante das portas.

Partenopeu e o seu escudo (v. 526-44)

Assim seja! Em seguida, falo do quinto chefe,
 designado ao posto diante da quinta porta, a de Bóreas,
 junto ao próprio túmulo de Anffón, nascido de Zeus;
 ele jura pela lança que possui honrá-la, acreditando nela
 530 muito mais do que em um deus e mais do que nos seus olhos,
 para, seguramente, saquear a cidade dos Cadmeus, mesmo contra a
 [vontade
 de Zeus; isto anuncia o rebento de bela aparência
 de mãe montanhesa, o homem criança viril;
 no momento, a barba nascente avança pelas bochechas,
 535 juventude em desenvolvimento, pelo espesso que desponta.
 E ele, espírito cru, sem nada do nome *parthénos*
 das virgens,⁵ com um olhar terrível, aproxima-se.
 Certamente, não sem vanglória se coloca diante da porta,
 pois um ultraje à cidade no escudo forjado
 540 em bronze, proteção circular de seu corpo,
 a Esfinge carnívora, fixada por pregos,
 ele brandia, imagem brilhante trabalhada em relevo,
 e ela porta sob si mesma um varão entre os Cadmeus,
 a fim de lançar sobre este homem o maior número possível de
 [dardos.

545 Parece vir não para regatear o combate,
e para não desrespeitar seu trajeto de longo caminho,
Partenopeu, o árcade; tal homem é
um meteco,⁶ mas pagando a Argos uma bela criação,
faz ameaças a estas torres - que tomara o deus não realize!

Anfiarau e o seu escudo (v. 568-96)

Posso falar do sexto chefe, homem sapientíssimo,
e adivinho excelente no combate, o poderoso Anfiarau;⁷
570 postado próximo à porta Homolóis,
profere insultos contra o poderoso Tideu:
o homicida, o perturbador de sua cidade,
o maior mestre de males para Argos,
o evocador da Erínia, o serviçal da morte
575 e conselheiro destes males para Adrasto.
Percebendo o teu irmão
ao virar os olhos para trás, o poderoso Polinices,
por fim, chama-o, dividindo o seu nome
em dois.⁸ E fala este dito pela boca:
580 “Será tal ação também agradável aos deuses,
bela de ouvir e dizer aos teus descendentes,
devastar a cidade paterna e os deuses
nativos, após lançar sobre ela um exército estrangeiro?
Qual será a regra que o fará extinguir a fonte de tua vida, tua mãe?
585 E tua terra pátria, capturada pelo empenho
da lança, como se tornará a tua aliada?
Eu, certamente, fecundarei este solo,
um adivinho ocultado sob o solo inimigo.
Lutemos, não espero morte desonrosa.”
590 Tais coisas o adivinho anunciava, levando calmamente um escudo
todo de bronze; mas não havia emblema sobre o círculo,
pois não desejava parecer o melhor, mas ser,
ao colher, por meio de seu espírito, os frutos da semente sulcada
de onde brotam os conselhos prudentes.
595 Exorto-te a enviar contra ele sábios e nobres
remadores de revés. Terrível é aquele que venera os deuses.

Polinices e seu escudo (v. 631-52)

Então, falarei do sétimo chefe, deste diante da sétima
porta, do teu próprio irmão, da sorte
que ele pragueja e almeja para a cidade;
após subir as torres e ser anunciado pelo arauto diante do solo,

- 635 tendo cantado um peã báquico relativo à conquista,
ele te afrontará e matará, mesmo sucumbindo junto,
ou, se te deixar viver, aquele que o desonrou e expulsou,
este mesmo irá ressarci-lo na forma de um exílio.
Tais coisas grita e chama os deuses
- 640 ancestrais da terra paterna, observadores de suas preces,
para que se realizem completamente, o poderoso Polinices.
Possui um escudo bem redondo recém-fabricado
e um duplo emblema fixado.
Forjado em ouro, um homem armado é possível ver,
- 645 uma mulher o guia, conduzindo-o prudentemente.
E ela, na verdade, diz ser a Justiça, como as letras
falam: “ Trarei este homem, e ele tomará
a cidade e o acesso da morada paterna.”
Tais são as intenções dele.
- 650 [E então parece que tu mesmo deves decidir a quem enviar.]⁹
Que jamais repreendas este homem diante de ti

por seus anúncios, e decide tu mesmo pilotar a nau cidade.

NOTAS

¹ O texto grego aqui traduzido foi estabelecido por Henderson: AESCHYLUS, *Suppliant Maidens, Persians, Prometheus, Seven against Thebes*. Greek text edited by Jeffrey Henderson with translation by Herbert Weir Smyth. Massachusetts: Loeb Classical Library, 2001. Como comparação, utilizou-se também o texto estabelecido por Mazon: ESCHYLE, *Les Sept contre Thèbes*. Texte établi et traduit par P. Mazon (notes de Jean Alaux). Paris: Les Belles Lettres, 1997.

² Tideu é a primeira figura, entre os sete chefes da expedição contra Tebas, a ser descrita por Ésquilo. Suas características plenas de uβrij, *excesso*, são bem acentuadas pelo poeta. Recomenda-se o dicionário de Grimal para uma descrição detalhada das narrativas míticas acerca deste e de outros personagens citados.

³ Moreau (1985, p.141) afirma que o termo γιγaj, *gigante*, para um grego não servia apenas para designar um indivíduo de grande estatura, mas também seu excesso e sua violência. Assim, a estatura e os excessos de Capaneu ultrapassam os do chefe anteriormente citado, Tideu.

⁴ Este chefe não aparece em nenhuma obra anterior à tragédia *Sete contra Tebas*, o que faz de sua presença uma inovação de Ésquilo. De fato, entre os sete chefes, Etéoclo é o único que não consta no dicionário de mitologia de Grimal. O artifício de Ésquilo é apresentar um quase homônimo de Etéocles, junto aos chefes que sitiavam a cidade de Tebas, com o intuito de intensificar a presença de outra faceta de Eteocles, já que ele, além de rei de Tebas, é também o amaldiçoado filho de Édipo, que travará uma luta fratricida com Polínicus.

⁵ O nome Παρκενοπαίειj, *Partenopeu*, é formado do substantivo feminino παρκεhoj, que significa *moça virgem*. A passagem opõe o caráter violento do chefe à delicadeza de uma jovem virgem. Recomenda-se o dicionário de Brandão para o conhecimento da etimologia dos nomes dos personagens míticos. BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. 2v.

⁶ Cf. nota 7 de *Persas*.

⁷ Em contraste com os chefes anteriormente citados, todos tomados pela uβrij, *excesso*, Anfiarau aparece com qualidades positivas. Segundo Brandão (1991, p. 70-1), o nome Anfiarau, um composto formado pelo prefixo αμφι| *em torno de*, associado ao substantivo αθα| *prece, maldição*, significa *o grande suplicante* ou *aquele que se consagrou às fórmulas mágicas*. Por sua vez, Naquet (1999, p. 261) dá um sentido diferente ao nome: Anfiarau significaria *o de dupla* (outro sentido possível para αμφι|em compostos) *maldição*, significado mais condizente com o contexto literário de *Sete contra Tebas*, sempre envolto pela maldição de Édipo contra seus dois filhos (daí a duplicidade), que morrem lutando um contra o outro. VIDAL- NAQUET, Pierre. Os Escudos do Heróis. Ensaio sobre a Cena Central dos ‘Sete contra Tebas’. In:

VERNANT, Jean Pierre; VIDAL- NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁸ Ésquilo enfatiza o caráter trágico pelos elementos que formam o nome Πολυέχης, *Polinices*, que é composto do adjetivo πολυς, *muito*, associado ao substantivo νέκος, *discórdia, querela, luta*. O nome significa, portanto, *o de muita luta ou discórdia*, havendo, inclusive, o adjetivo πολυέχης, *cheio de litígios, querelas*.

⁹ O verso 650, no qual há a expressão αὐτοῦ γινώσκῃ, que é repetida no verso 652, é problemático. O texto estabelecido por Mazon (vide nota 1) o descarta.

BIBLIOGRAFIA

AESCHYLUS. *Persians*. Greek text with introduction, translation and commentary by Edith Hall. Warminster: Aris & Phillips LTD, 1997.

AESCHYLUS, *Suppliant Maidens, Persians, Prometheus, Seven against Thebes*. Greek text edited by Jeffrey Henderson with translation by Herbert Weir Smyth. Massachusetts: Loeb Classical Library, 2001.

ANDERSON, Michael. The imagery of The Persians. Cambridge University Press on behalf of The Classical Association. *Greece & Rome*, second series, vol. 19, n° 2, 1972, p. 166-74.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. rev. et aum. par L. Sechan et Pierre Chantraine. Paris: Hachette, 1983.

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. 2v.

DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS. Coordenado por Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti e Maria Helena de Moura Neves. São Paulo: Ateliê Editorial, 5 vol. (2006-2010).

DUMORTIER, Jean. *Les Images dans la Poésie d'Eschyle*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

EBBOT, Mary. The list of the War Dead in Aeschylus 'Persians'. Department of the Classics, Harvard University. *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 100, 2000. p. 83-96.

ESCHYLE. *Les Sept contre Thèbes*. Traduction de P. Mazon et introduction et notes de Jean Alaux. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

FIALHO, Maria do Céu Zambujo. *A Nau da Maldição – Estudos sobre Sete contra Tebas de Ésquilo*. Coimbra: Minerva, 1996.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HALL, Edith. *Inventing the barbarian – Greek self-definition through tragedy*. New York: Oxford University Press, 2004.

MICHELINE, Ann N. *Tradition and Dramatic Form in The Persians of Aeschylus*. Cincinnati: Leiden E. J. Brill, 1997.

MOREAU, A. *Eschyle, la Violence et le Chaos*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

NOVO, Elsa García. Las dos caras del protagonista em Los Persas de Esquilo. CFC (G): *Estúdios griegos e indoeuropeos*, 15, 2005. p. 49-62.

THALMANN, Willian G. Xerxes' rags: some problems in Aeschylus' Persians. The Johns Hopkins University Press. *The American Journal of Philology*, vol. 101, nº 3, 1980. p. 260-82.

WEST, Martin L. *Studies in Aeschylus*. Stuttgart: Teubner, 1990.

WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Studies in Aeschylus*. New York: Cambridge University Press, 2009.

XENOFONTE (séc. V-IV a.C.)

Banquete

Livro I

1. Bem,¹ parece-me que as ações dos homens nobres de caráter,² não só as executadas com seriedade, mas também as realizadas em seus momentos de lazer, são dignas de ser lembradas; ações estas que, tendo-as presenciado, conheço-as e desejo divulgá-las. **2.** Era, pois, a ocasião da corrida de cavalos das Grandes Panateneias.³ Cálias, filho de Hipônico, estava, naquela época, apaixonado pelo jovem Autólico, e, após este ter vencido o pancrácio,⁴ Cálias levou-o para assistir a esse espetáculo. Quando a corrida de cavalos terminou, partiu com Autólico e o pai deste para sua casa no Pireu. Nicerato também seguia com ele. **3.** Vendo que Sócrates, Critóbulo, Hermógenes, Antístenes e Cármenes estavam reunidos, pediu que alguém conduzisse Autólico e os que estavam com este. **4.** Cálias, por sua vez, aproximou-se de Sócrates e dos que estavam com ele e disse: “Em boa hora vos reencontro, pois devo oferecer um jantar a Autólico e a seu pai. Creio, de fato, que a festa pareceria muito mais brilhante se o local fosse ornamentado com homens de almas purificadas como vós, mais do que se o fosse com generais, comandantes de cavalaria e políticos”. **5.** Sócrates, então, replicou: “Tu sempre zombas de nós com desdém, porque, para obter sabedoria, deste muito dinheiro a Protágoras, a Górgias e a muitos outros;

quanto a nós, tu nos vês como uns autodidatas em filosofia”. **6.** Cálías, então, retrucou: “De fato, anteriormente, escondia de vós que eu também tinha muitas coisas sábias para dizer; agora, se vós fordes à minha casa, mostrar-vos-ei que eu sou realmente digno de muita atenção”. **7.** Sócrates e seus companheiros, a princípio, agradecendo o convite, como era costume, não prometeram jantar com ele. Como ficou evidente que Cálías iria ficar muito zangado se não fossem, acompanharam-no. Depois de uns se terem exercitado e untado, outros se terem banhado, chegaram à casa do anfitrião. **8.** Autólico sentou-se junto ao seu pai; os outros, como era costume, estavam recostados. Em seguida, observando-se os acontecimentos, poder-se-ia julgar que a beleza era, por natureza, algo real, principalmente, se alguém a possuísse com modéstia e sobriedade, como Autólico aqui presente. **9.** Inicialmente, assim como quando alguma claridade que surge durante a noite atrai para si os olhares de todos, assim também, neste momento, a beleza de Autólico atrai para ele a atenção de todos. Além disso, nenhum dos que o olhavam deixavam de sentir na alma algo por ele. Uns ficavam mais calados, outros gesticulavam. **10.** Todos os que estão possuídos por algum dos deuses parecem ser dignos de contemplação; entretanto, uns entre os que estão possuídos por outros deuses se mostram mais terríveis de se ver, mais assustadores e mais violentos no falar; outros, inspirados pelo sensato Amor, lançam olhares com muita benevolência, tornam a voz mais suave e apresentam uma fisionomia de aspecto mais nobre. Comportando-se justamente assim, nesse momento, Cálías, sob a influência do Amor, era digno de ser contemplado pelos iniciados nos mistérios do deus. **11.** Os convivas jantavam em silêncio, como se isso lhes tivesse sido ordenado por um superior. Filipe, o bufão, tendo batido à porta, disse ao porteiro que anunciasse quem ele era e por que razão desejava entrar; acrescentou, ainda, que estava ali completamente preparado com tudo que era necessário para jantar às custas dos outros; informou, também, que o seu escravo estava muito constrangido pelo fato de carregar ... nada e de não ter jantado. **12.** Cálías, tendo ouvido isso, disse: “Bem, amigos, é, certamente, vergonhoso recusar abrigo; entra, então”. E, ao mesmo tempo, olhou para Autólico, sendo evidente que observava o que a brincadeira lhe parecia ser. **13.** Filipe, então, estando em pé no limiar do salão, justamente no momento em que o jantar transcorria, proferiu: “ Que eu sou um bufão, todos vós sabeis; vim de boa vontade, julgando ser mais engraçado vir ao jantar sem ser convidado do que se o tivesse sido”. “Reclina-te, pois, falou Cálías.” De fato, os presentes estão, como vês, cheios de seriedade, mas, talvez, muito carentes de riso”. **14.** Enquanto jantavam, Filipe tentava, inicialmente, dizer alguma coisa engraçada, para justificar a razão pela qual ele frequentemente era convidado para os jantares. Como não provocara riso, mostrou-se irritado. Novamente, um pouco mais tarde, quis dizer outro gracejo. Como nem assim riram dele, em meio ao jantar, parou e, cobrindo-se inteiramente, reclinou-se. **15.** E Cálías perguntou: “Que é isso, Filipe? Será que tu foste acometido por alguma dor?” E ele, gemendo, respondeu: “Sim, por Zeus, Cálías,” disse, “uma grande dor, na verdade, visto que o riso dos homens desaparecera, a minha ocupação está arruinada. Antigamente, eu era convidado

para os jantares por causa disso, para que os convidados se divertissem, rindo às minhas custas; agora, por que irão me convidar? Quanto a mim, não posso tornar-me mais sério, como não posso tornar-me imortal; ninguém certamente irá convidar-me na esperança de ser, por sua vez, convidado, uma vez que todos sabem que, por uma questão de princípios, não costumo oferecer jantares em minha casa.” Enquanto dizia isso, assoava o nariz, e, pelo tom de sua voz, era evidente que chorava. **16.** Todos, então, confortavam-no na esperança de rir novamente e mandavam que ele jantasse. Critóbulo morria de rir da lamentação de Filipe. Este, quando ouviu a risada, descobriu-se e, exortando a sua alma a ter coragem, porque haveria convites, voltou a jantar.

Livro II

1. Depois que as mesas foram retiradas, fizeram libações e cantaram o peã;⁵ aproximasse deles para a festa um siracusano com uma bela flautista, uma bailarina daquelas capazes de fazer coisas admiráveis e um jovem muito bonito, que tocava cítara e dançava muito bem. Fazendo tais exhibições, ele ganhava dinheiro como se estivesse em um espetáculo. **2.** Enquanto a flautista tocava para os convivas, o jovem tocava cítara, e ambos pareciam encantá-los plenamente; Sócrates disse: “ Sim, por Zeus, Cálías, tu nos recebes muito bem. Tu não apenas nos ofereces um excelente jantar, mas também nos proporcionas espetáculos agradabilíssimos de se ver e de se ouvir.” **3.** Cálías perguntou: “ Que tal, se alguém nos trouxesse um perfume para que jantássemos também em um ambiente perfumado?” – “De modo algum,” disse Sócrates, “ pois, com efeito, assim como uma vestimenta é bela para uma mulher, uma outra o é para um homem, assim também um perfume convém a um homem, e um outro convém a uma mulher. E, por causa de outro homem, eu suponho, homem nenhum se unta com perfume. Quanto às mulheres, particularmente se por acaso forem noivas, como a de Nicerato aqui presente, e a de Critóbulo, por que ainda necessitam de perfume? **4.** Elas, com efeito, já o exalam. O cheiro de óleo presente nos ginásios é mais agradável do que o perfume é agradável para a mulher, e a falta deste torna-o mais desejável. De fato, todo aquele que se tiver untado com perfume, quer seja escravo, quer seja livre, exala, imediatamente, um mesmo odor; por outro lado, os odores que resultam das ocupações dos homens livres necessitam, primeiramente, de atividades nobres e de muito tempo, se desejarem ser não só agradáveis como também livres.” Lícon, então, indagou: “Porventura, essas coisas não são para os jovens? E quanto a nós, não será necessário que, não nos exercitando mais, tenhamos algum perfume?” “Sim, por Zeus, o da nobreza de caráter,” respondeu Sócrates. “E de onde se poderia retirar essa essência?” “Não, por Zeus”, disse Sócrates, “não dos vendedores de perfume.” “Mas de onde, então?” Teógnis disse: “Dos bons, com efeito, aprenderás coisas boas, porém, se aos inferiores te unires, perderás até a tua inteligência”.⁶ **5.** A seguir, Lícon interrogou: “Ouves isso, meu filho?” “Sim, por Zeus”, disse Sócrates, “e utiliza-te disso. Certamente, quando desejava tornar-se vencedor do pancrácio, tendo pesquisado contigo, novamente,

aquele que lhe pareceria o mais capaz de providenciar-lhe estas coisas para juntar-se a ele.” **6.** Nesse momento, então, muitos falaram, e um deles questionou: “Onde, pois, encontrará um mestre nesse assunto? Um dizia que isso não era possível ensinar; outro declarava que, se é possível aprender alguma coisa, isso também o é. **7.** Sócrates, então, alegou: “Visto que isso é ambíguo, deixemos para depois: ocupemo-nos, agora, com o que está diante dos nossos olhos. Eu vejo, pois, a dançarina que está em pé aqui, e alguém trazendo-lhe aros.” **8.** Nesse momento, então, a outra jovem tocava flauta para ela, enquanto um jovem, parado ao seu lado, arremessava aros para a dançarina, até completar doze. Esta, segurando-os, ao mesmo tempo dançava e lançava-os ao ar, fazendo-os girar, calculando a que distância era necessário lançá-los para que os recebesse de volta dentro do ritmo. **9.** Sócrates, então, retoma a palavra: “Companheiros, está claro, que, entre as muitas outras coisas de que a jovem se ocupa, a natureza feminina em nada é inferior à do homem, mas carece de força e disposição, de modo que, se algum de vós tiver uma mulher, ensine a ela,⁷ com segurança, aquilo que desejaria que ela fosse capaz de fazer pelo seu próprio conhecimento.” **10.** E Antístenes retrucou: “Como, então, Sócrates, reconhecendo assim estas coisas, tu não as ensinas a Xantipa, mas convives com uma mulher, a mais insuportável, julgo eu, entre todas as que existem, as que já existiram e as que existirão?”⁸ “Porque,” respondeu ele, “eu vejo que os que desejam tornar-se hábeis cavaleiros não procuram os mais dóceis, mas os mais fogosos. Julgam, de fato, que se forem capazes de dominá-los, poderão facilmente lidar com outros cavalos. E eu, então, desejando lidar e conviver com os homens, adquiri esta mulher, sabendo, perfeitamente, que, se eu a suportasse, conviveria facilmente com todos os outros homens. E essa argumentação não parece estar fora de propósito.” **11.** Depois disso, foi trazido um círculo cheio de espadas retas; a dançarina dava cambalhotas em direção a estas e sobre elas fazia acrobacias, de tal modo que os espectadores temiam que sofresse algo, mas ela, com audácia e segurança, fazia a exibição. **12.** Sócrates, tendo chamado Antístenes, afirmou: “Os espectadores, certamente, não mais contestarão, penso eu, que também a coragem pode ser ensinada, visto que essa, mesmo sendo mulher, lança-se tão corajosamente em direção às espadas.” **13.** E Antístenes perguntou: “Porventura, não seria melhor dizer a esse siracusano, que exhibe essa bailarina para a cidade, que, se os atenienses lhe derem dinheiro, poderá ele fazer todos os atenienses terem, do mesmo modo, coragem de lançar-se às lanças?” **14.** E Filipe acrescentou: “Sim, por Zeus, eu também contemplaria com prazer Pisandro, o demagogo, aprendendo a dar cambalhotas sobre as facas; ele que, agora, pelo fato de não ser capaz de se defrontar com lanças, não deseja alistar-se. **15.** Nesse momento, o jovem dançava, e Sócrates questionou: “Vós notastes como o jovem, sendo belo, mostra-se ainda mais belo quando está dançando do que quando está parado?” A seguir, Cármides comentou: “Tu pareces elogiar o professor de dança”. **16.** Sim, por Zeus, concordou Sócrates; “e, na verdade, eu observei algo mais: que nenhuma parte de seu corpo ficava imóvel durante a dança; tanto o pescoço, como as pernas e as mãos se movimentam simultaneamente,

tal como deve dançar aquele que deseja ter o corpo mais leve. E quanto a mim,” disse: “com muito prazer, ó siracusano, aprenderia os movimentos de dança contigo.” E ele: “Tu os utilizarás para quê?” indagou. **17.** “Por Zeus, para eu dançar.” Nesse momento, todos riram. E Sócrates, com a fisionomia muito séria, questionou: “Vós rides de mim, porque desejo ter melhor saúde exercitando-me; ou porque quero comer e dormir melhor; ou porque tenho vontade de fazer tais exercícios, não como os corredores de longas corridas, que engrossam as pernas mas afinam os ombros, nem como os pugilistas, que engrossam os ombros mas afinam as pernas, porém me esforçando com todo o meu corpo para torná-lo inteiramente harmonioso? **18.** Ou vós rides, por não haver necessidade de eu procurar um companheiro de exercício, nem de me despir diante da multidão, porque sou velho, mas a mim me bastará um quarto de sete leitos,⁹ como também agora, para este jovem aqui presente, este espaço é suficiente para suar, porque durante o inverno eu me exercitarei em lugar coberto, e, quando estiver fazendo muito calor, eu me exercitarei na sombra? **19.** Ou vós rides porque, tendo eu um ventre maior do que o normal, desejo reduzi-lo à medida certa. Ou vós não sabeis que, há pouco, pela manhã, Cármides, que aqui está, surpreendeu-me dançando?” “Sim, por Zeus,” disse Cármides: “a princípio, eu fiquei espantado e temi que tu tivesses ficado louco, mas, quando ouvi de ti coisas semelhantes àquelas que agora dizes, eu mesmo, indo para casa, não dançava, pois jamais aprendi tal coisa; entretanto, movimentava as mãos, pois isso eu sabia fazer.” **20.** “Sim, por Zeus,” disse Filipe, “assim, as tuas pernas parecem estar em equilíbrio com os ombros, como me parece, e se, para os fiscais, tu pesasses como pães, separadamente, os membros inferiores e os superiores, ficarias isento de multa.¹⁰ “Cálias, então, pediu: “Sócrates, convida-me quando fores aprender a dançar para que eu me coloque diante de ti e também aprenda contigo.” **21.** “Vamos, então”, ordenou Filipe: toca flauta para mim a fim de que eu também dance.” Quando ele se levanta, sai imitando a dança do rapaz e a da moça. **22.** Primeiramente, uma vez que eles elogiaram como o jovem, com seus movimentos, se mostrava ainda mais belo, fez, então, uma demonstração de que parte do seu corpo poderia movimentar para torná-lo mais jocoso do que o era por natureza; porque, enquanto a jovem, curvando-se para trás, imitava aros, ele, inclinando-se para frente, tentava imitá-los. Enfim, porque eles elogiavam o jovem, por exercitar todo o seu corpo na dança, mandou a flautista acelerar mais o ritmo e, simultaneamente, movimentava tudo: pernas, mãos e cabeça. **23.** Quando ficou exausto, deitando-se, disse: “Eis a prova, meus amigos, de que a minha dança também me exercita muito bem. É que eu estou com sede: que o escravo encha para mim uma grande taça.” “Sim, por Zeus”, acrescentou Cálias, “para nós também, pois nós também estamos com sede, porque rimos de ti. **24.** Sócrates, novamente, tomou a palavra: “Beber, meus amigos, parece-me perfeito; na verdade, o vinho, banhando as almas, adormece as tristezas, como a mandrágora¹¹ adormece os homens; por outro lado, o vinho desperta as alegrias, como o azeite atíça o fogo. **25.** Parece-me, por certo, que os corpos dos homens sofrem as mesmas coisas, precisamente aquelas que as plantas nascidas na terra, pois, elas, quando a

divindade as rega em demasia, não podem manter-se em pé, nem serem perspassadas pelo vento; mas, todas as vezes que bebem tanto quanto lhes apraz, crescem completamente eretas e, florescendo, chegam à produção de frutos. **26.** Assim também nós, se bebermos muito de uma só vez, nossos corpos e nossos pensamentos rapidamente se enfraquecem, não poderemos também respirar rapidamente, e, muito menos, falar; por outro lado, se os escravos derramarem, frequentemente, pouca quantidade em pequenas taças, para que eu possa me expressar à maneira de Górgias,¹² não seremos embriagados pelo vinho, mas, por ele seduzidos, alcançaremos mais alegria.” **27.** Isso pareceu agradar a todos. Filipe, entretanto, acrescentou que era

necessário que os servidores de vinho imitassem os bons condutores de carruagem, fazendo as taças circularem mais rapidamente. Então, os bons servidores de vinho assim o fizeram.

NOTAS

¹ O diálogo tem início com a palavra *allá* definida por BAILLY (1950 p. 82) como uma conjunção adversativa. Entretanto, tal conjunção não está empregada para marcar oposição alguma, pois, segundo DENNISTON (1966, p. 172), que a classifica como partícula, ela não é normalmente empregada em início de texto. Seu valor é incoativo, aparecendo em outras passagens do texto, como no Livro I, 12, no Livro II, 24, por exemplo.

² A expressão *tôn kalôn kagathôn andrôn*, muito frequente em grego, significa, *ipsis literis*, “dos homens belos e bons.” Preferiu-se, contudo, traduzir por “homens nobres de caráter”, por julgar-se que em língua portuguesa essa tradução reflete melhor a concepção grega expressa no sintagma citado.

³ As Panateneias eram festas em honra à deusa Palas Atena. Celebravam-se anualmente as Panateneias Menores nos dias 28 e 29 do mês *Hekatombaión*, que corresponde a julho, e, com esplendor especial, as Grandes Panateneias, no terceiro ano de cada Olimpíada, de 21 a 28 do mês supracitado (HARVEY, 1987, p. 231).

⁴ O pancrácio era, na Grécia, uma espécie de competição que combinava a luta livre com o pugilismo. Tratava-se de uma forma brutal de esporte, na qual praticamente tudo era permitido para vencer o adversário. O pancrácio passou a ser incluído nos Jogos Olímpicos a partir de 648 a.C., sendo mais tarde introduzido também nos Jogos Nemeus e Ístmicos (HARVEY, 1987, p. 377).

⁵ O peã era uma composição lírica coral provavelmente originária de Creta. Às vezes, o canto era acompanhado de dança, podendo consistir numa invocação ou num agradecimento dirigido em primeiro lugar a Apolo e, a seguir, a outros deuses. O peã foi muito difundido em Esparta, onde os habitantes o cantavam nas festas em homenagem ao deus Apolo (HARVEY, 1987, p. 383).

⁶ Observa-se nesse passo da obra uma intertextualidade com o *Corpus Theogonideum* (I, 35-6) em que se registra a substituição da forma verbal *mathéseai* por *didaxai*. É digno de nota, ainda, que esses mesmos versos são citados por Sócrates no diálogo platônico *Mênon* 95d.

⁷ A recomendação de que o homem/marido deve educar a sua mulher/esposa é recorrente em várias obras da Antiguidade Grega (XÉNOPHON, *Économique*, VII 4-8).

⁸ A alusão à má reputação de Xantipa, esposa de Sócrates, é lendária (cf. PLATÃO, *Fédon*; XENOFONTE, *Memoráveis*).

⁹ O termo *heptáklinos*, *espaço de sete leitos*, não se destina a especificar a quantidade de leitos, mas a delimitar a medida do espaço (BAILLY, 1950, p. 793).

¹⁰ A comparação deve-se ao fato de os atenienses protegerem os consumidores de especulação e de extorsão, por meio do controle do preço do pão, visto que esses eram extremamente dependentes do grão importado.

¹¹ A mandrágora é um tipo de planta da família das solanáceas. No Egito, simbolizava o amor, naturalmente em virtude de suas qualidades afrodisíacas. Entre os gregos, era conhecida com o nome *planta de Circe*, a Mágica, porque inspirava um temor reverente. No séc. XVIII, chamavam-na *mão da Glória*, pelo fato de atribuir-se a ela o poder de atrair riqueza. Por causa desse simbolismo diversificado que lhe é atribuído, é usada, frequentemente, em práticas mágicas, devendo-se, entretanto, tratá-la com precaução e respeito, visto que seu efeito pode ser tanto benéfico, quanto maléfico (CHEVALIER, 1990, p. 586-7).

¹² A referência ao estilo de Górgias justifica-se pelo fato de o célebre sofista ter propagado o ensino da retórica pautado na beleza e na objetividade da elocução. É digno de nota que, no diálogo platônico homônimo ao do orador, Sócrates tenha demonstrado uma deferência especial em relação ao rétor (HARVEY, 1987, p. 250).

BIBLIOGRAFIA

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Editado e revisado por L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 1950.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.

DENNISTON, J. D. *The Greek Particles*. 2. ed. London: Oxford University Press, 1966.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Tome IV, 1re. partie: Phédon. Texte établi et traduit par Paul Vicaire. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

XÉNOPHON. *Sympósion*. Texte établi et traduit par P. Chantraine. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

_____. *Économique*. Texte établi et traduit par P. Chantraine. Paris: Les Belles

Lettres, 2003.

XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PLATÃO (séc. V-IV a.C.)

Êutifron

(1) 5d7-6a5

Sócrates: Fala então: o que dizes ser a piedade e a impiedade?

Êutifron: Eu digo então que o piedoso é precisamente o que eu estou fazendo agora, isto é, processar quem pratica uma ação injusta, cometendo uma falta, em relação a assassinatos, roubos de objetos sagrados, ou alguma outra dessas infrações, seja o pai, a mãe seja outro qualquer; e o não processar é ímpio; por conseguinte, Sócrates, vê que grande prova te darei da lei porque é assim – o que também já disse a outras pessoas – que essas coisas seriam corretas, sucedendo da seguinte maneira: não confiar em quem pratica uma ação injusta, seja quem for; pois, na verdade, os próprios homens consideram Zeus o melhor e o mais justo dos deuses, e concordam com ele por ter ele prendido o próprio pai (Cronos), porque este devorava os filhos injustamente, e também com este último, por ele ter castrado o seu pai (Urano) por outros tais motivos; no entanto, a mim hostilizam, porque estou indo contra meu pai que pratica uma ação injusta, e, desse modo, eles mesmos se contradizem, dizendo coisas opostas sobre os deuses e sobre mim.

(2) 6d8-8b5

Sócrates: E não te lembras de que não foi isso que pedi, ou seja, ensinar-me uma ou duas das muitas coisas piedosas, mas a própria forma pela qual todas as coisas piedosas são piedosas? Pois, certamente, disseste serem as coisas ímpias, ímpias, e as piedosas, piedosas, por causa de uma única ideia; ou não te lembras?

Êutifron: Sim, eu me lembro.

Sócrates: Então, ensina-me qual é essa ideia, para que, considerando-a e valendo-me dela como paradigma, eu diga ser piedoso o que for semelhante a ela, entre as coisas que tu ou algum outro fizer, e, o que for não semelhante, eu diga que não.

Êutifron: Mas, se assim queres, Sócrates, assim te explicarei.

Sócrates: Mas é claro que eu quero!

Êutifron: Então, o que é agradável aos deuses é piedoso, e o que não lhes é agradável é ímpio.

Sócrates: Perfeitamente, Êutifron; como eu pedi para responder, assim respondeste; todavia, se verdadeiramente, isso ainda não sei, mas é evidente que tu ensinarás com mais detalhes que são verdadeiras as coisas que estás dizendo.

Êutifron: Com toda a certeza.

Sócrates: Então, vamos lá, examinemos o que estamos dizendo: o que é agradável aos deuses e o homem agradável aos deuses são piedosos, e o que é odioso aos deuses e o homem odioso aos deuses são ímpios; e elas não são a mesma coisa, mas a piedade é o extremo oposto da impiedade; não é assim mesmo?

Êutifron: É assim mesmo.

Sócrates: E isso parece ser realmente uma boa afirmação?

Êutifron: Eu creio, Sócrates; de fato, foi dito isso.

Sócrates: E não é verdade que também foi dito que os deuses se desentendem, Êutifron, e discordam entre si e que existe ódio recíproco entre eles?

Êutifron: De fato, foi dito.

Sócrates: E, excelente amigo, com relação a que coisas o desacordo provoca ódio e sentimentos de ira? Senão vejamos: não é verdade que, se eu e tu discordássemos no que diz respeito a um número, em relação à qual de duas coisas é a maior, ou o desacordo em relação nos faria inimigos e irritarmo-nos uns com os outros, ou, então, recorrendo ao cálculo sobre tais coisas, logo nos reconciliaríamos?

Êutifron: Sem dúvida.

Sócrates: E não é verdade que também, se discordássemos em relação ao maior e ao menor, recorrendo ao ato de medir, logo faríamos cessar o desacordo?

Êutifron: É isso mesmo.

Sócrates: E recorrendo ao ato de pesar, como suponho, decidiríamos a respeito do mais pesado e do mais leve?

Êutifron: E como não?

Sócrates: Pois então, a respeito de que, discordando e não podendo chegar a uma decisão, nos tornaríamos inimigos um do outro e nos irritaríamos? Talvez não

seja natural para ti, mas, estou dizendo, examina se essas coisas são o justo e o injusto, o belo e o feio, o bem e o mal; pois não são essas as coisas sobre as quais, discordando e não podendo chegar a uma decisão satisfatória, tornamo-nos inimigos um do outro, quando porventura nos tornamos, eu, tu e todos os outros homens?

Êutifron: Mas é esse mesmo o desacordo, Sócrates, e sobre essas coisas.

Sócrates: E então, Êutifron? Se, na verdade, os deuses discordam com relação a alguma coisa, eles não discordariam por causa dessas mesmas coisas?

Êutifron: Necessariamente.

Sócrates: E, entre os deuses, nobre Êutifron, segundo o teu discurso, deuses diferentes consideram coisas diferentes justas, belas ou feias, boas ou más; pois certamente não se desentenderiam, se não discordassem sobre essas coisas; não é verdade?

Êutifron: Tens razão.

Sócrates: E não é verdade que também amam as coisas que precisamente cada um deles considera belas, boas e justas, e odeiam as coisas contrárias a essas?

Êutifron: Sem dúvida.

Sócrates: E essas mesmas coisas, como tu estás afirmando, uns consideram justas e outros, injustas; e são coisas sobre as quais, discutindo, se desentendem e guerreiam entre si; não é assim mesmo?

Êutifron: É assim mesmo.

Sócrates: Portanto, essas mesmas coisas, como parece, são odiadas e amadas pelos deuses, e ser-lhes-iam tanto odiosas quanto agradáveis.

Êutifron: Assim parece.

Sócrates: E, portanto, Êutifron, as mesmas coisas seriam piedosas e ímpias, segundo este discurso.

Êutifron: Possivelmente.

Sócrates: Portanto, não respondeste à pergunta que fiz, ó maravilhoso amigo; pois, na verdade, eu não estava perguntando se, por acaso, a piedade e a impiedade são a mesma coisa; e, pelo que parece, o que porventura é agradável aos deuses também lhes é odioso; de modo que, Êutifron, o que tu estás fazendo agora, castigando teu pai, em nada é surpreendente, se, agindo assim, estás fazendo algo agradável a Zeus, porém odioso a Cronos e a Urano, e caro a Hefesto, porém odioso a Hera, e, se algum outro deus discorda de outro sobre isso, também lhes sucedem as mesmas coisas.

(3)9d10-11b7

Êutifron: Mas, no que me diz respeito, eu diria ser a piedade o que todos os deuses porventura amem; e o contrário, o que todos os deuses porventura odiarem, ímpio.

Sócrates: Pois então, examinemos mais uma vez, Êutifron, se isso está sendo dito como convém, ou se abandonamos a questão; e desse modo devemos aprovar a nós mesmos e aos outros, concordando, se apenas uma pessoa disser ser assim;

ou deve-se examinar o que está dizendo o falante?

Êutifron: Deve-se examinar; todavia, no que me diz respeito, eu creio estar sendo isso dito como convém agora.

Sócrates: Logo, meu bom amigo, saberemos melhor. Assim sendo, reflete sobre isto: é verdade que o que é piedoso, porque é piedoso, é amado pelos deuses, ou será que porque é amado é que é piedoso?

Êutifron: Não compreendo o que estás dizendo, Sócrates.

Sócrates: Mas eu tentarei explicar mais claramente. Dizemos que uma coisa é transportada e que outra é o que transporta, uma é conduzida e outra é o que conduz, uma é vista e outra é o que vê? E sabes que todas essas coisas são diferentes umas das outras, e em que são diferentes.

Êutifron: No que me diz respeito, eu creio saber.

Sócrates: E não é verdade que o que é amado é uma coisa, e outra, o que ama?

Êutifron: Como não?

Sócrates: Fala-me então: o que é transportado é transportado porque o transportam ou por outro motivo?

Êutifron: Não é por outro motivo, mas por causa disso mesmo.

Sócrates: E o que é conduzido, porque o conduzem, e o que é visto, porque o veem?

Êutifron: Sem dúvida.

Sócrates: Portanto, não é porque é visto que por causa disso o veem, mas o contrário: porque o veem é que por causa disso é visto; nem porque é conduzido que o conduzem, mas porque o conduzem é que é conduzido; e nem porque é transportado que o transportam, mas porque o transportam é que é transportado. Será que não está bem claro o que estou querendo dizer, Êutifron? Quero dizer o seguinte: que, se algo produz um efeito ou se sofre uma ação, não se produz, nem se sofre ação porque é o que se sente, mas é o que se sente porque se sofre a ação; ou não concordas com isso?

Êutifron: Sim, eu concordo.

Sócrates: E não é verdade que o que é amado é algo que é produzido ou experimentado por alguém?

Êutifron: Sem dúvida.

Sócrates: Pois então, isto é assim como as coisas anteriormente mencionadas; não é porque o objeto amado é amado por alguns que se ama, mas porque se ama o que é amado?

Êutifron: Necessariamente.

Sócrates: Pois então, o que dizemos sobre a piedade, Êutifron? Que é uma coisa amada por todos os deuses, como o teu discurso afirma?

Êutifron: Sim.

Sócrates: E é por causa disso, porque é piedade, ou por outro motivo?

Êutifron: Não é por outro motivo, mas por causa disso mesmo.

Sócrates: Então, porque é piedade é que é amada, mas não porque é amada é

que é piedade?

Êutifron: Assim parece.

Sócrates: Mas, então, porque é amada pelos deuses, é que é amada e agradável aos deuses?

Êutifron: Como não?

Sócrates: Portanto, o que é agradável aos deuses não é piedoso, Êutifron, nem o que é piedoso é agradável aos deuses, como tu estás dizendo, mas um é diferente do outro.

Êutifron: Como assim, Sócrates?

Sócrates: Porque reconhecemos ser amado o que é piedoso, por causa disso mesmo, porque é piedoso, mas não ser piedoso porque é amado; não é verdade?

Êutifron: Sim.

Sócrates: E, por outro lado, o agradável aos deuses, porque é amado pelos deuses, por essa mesma condição de ser amado, ser agradável aos deuses; mas não porque é agradável aos deuses ser amado por causa disso.

Êutifron: Tens razão.

Sócrates: Mas, se realmente fossem a mesma coisa, amigo Êutifron, o agradável aos deuses e o piedoso, então, por um lado, se o que é piedoso fosse amado por ser piedoso, o que é agradável aos deuses também seria amado por ser agradável aos deuses; no entanto, se o que é agradável aos deuses fosse agradável aos deuses por ser amado pelos deuses, também o que é piedoso seria piedoso por ser amado; porém, agora estás vendo que, ao contrário, é possível que um seja completamente diferente do outro. De fato, um, porque é amado, é capaz de ser amado, e o outro, porque é capaz de ser amado é que é amado. E tu pareces, Êutifron, ao ser perguntado sobre o que é a piedade, não querer mostrar-me a sua essência, e sim dizer uma ação exercida sobre ela, algo que sucede a essa piedade, isto é, ser amada por todos os deuses; no entanto, o que ela é, tu ainda não o disseste. Portanto, se é do teu agrado, não me escondas, mas fala novamente, desde o começo, o que é a piedade, seja ela amada pelos deuses, seja o que de fato lhe sucede, pois não discordaremos sobre isso; mas fala afinal: o que é a piedade e a impiedade?

Êutifron: Mas, Sócrates, eu mesmo não sei te dizer o que estou pensando; pois, na verdade, de algum modo sempre nos rodeia o que porventura estabeleçamos, e não quer permanecer onde quer que o assentemos.

(4) 15b1-e12

Sócrates: Pois então, Êutifron, agradável é a piedade, mas não útil nem cara aos deuses?

Êutifron: Eu creio que, mais do que todas as coisas, ela é cara.

Sócrates: Pois então, também é isso, como parece, a piedade: o que é caro aos deuses.

Êutifron: Sobretudo isso.

Sócrates: Então, admirar-te-ás, dizendo essas coisas, de que as palavras te

pareçam não permanecer, mas se movimentar, e me chamarás de Dédalo por fazer essas coisas se movimentarem, sendo tu próprio muito mais hábil do que Dédalo, fazendo essas coisas andarem em círculo? Ou não estás percebendo que o discurso, tendo andado em torno de nós, chega de novo ao mesmo lugar? Pois, certamente, estás lembrado de que anteriormente a piedade e o que é agradável aos deuses não se mostraram para nós a mesma coisa, mas diferentes, uma do outro; ou não te lembras?

Êutifron: Sim, eu me lembro.

Sócrates: E agora não percebes que estás dizendo que o que é caro aos deuses é piedoso? E isto outra coisa não é senão ser agradável aos deuses. Ou não?

Êutifron: Sem dúvida.

Sócrates: Por conseguinte, ou há pouco não concordamos muito bem, ou, se o fizemos, então agora estamos fazendo uma proposição de forma não correta.

Êutifron: Assim parece.

Sócrates: Portanto, desde o começo, deve ser por nós examinado de novo o que é a piedade, porque eu, antes de aprender, não ficarei assustado por ter de ficar aqui. Mas não me desdenhes, e, em todo o caso, prestando toda a atenção, fala agora a verdade; de fato, se algum homem sabe, tu sabes, e não deves ir embora assim, como Proteu, antes de dizeres. Pois, se, de fato, não conhecesses claramente a piedade, não seria possível tentares, em nome do escravo, acusar de assassinato ao teu pai, um homem velho, e também temerias expor-te irrefletidamente aos deuses, e, porque não estarias fazendo isso corretamente, terias vergonha diante dos homens. Agora, porém, sei muito bem que supões conhecer claramente a piedade e a impiedade; portanto, fala, ó excelente Êutifron, e não ocultes isto mesmo que estás pensando.

Êutifron: Depois, certamente, Sócrates, pois agora tenho pressa e, para mim, é hora de partir.

Sócrates: É isso que estás fazendo, amigo; vais embora, tendo-me derrubado de uma grande esperança que eu tinha - a de que, aprendendo contigo as coisas que são piedosas e as que não são piedosas, eu me livraria também da acusação pública de Meleto, demonstrando-lhe que já me tornei sábio com Êutifron em relação às coisas divinas, e que não mais, por causa do desconhecimento, improviso nem inovo a respeito dessas coisas, e, particularmente, que poderia levar uma vida melhor.

BIBLIOGRAFIA

PLATON. *Oeuvres complètes*. Introduction - Hippias Mineur - Alcibiade - Apologie de Socrate - Euthyphron - Criton. Texte établi et traduit par Maurice Croiset. 15e. tirage, 2012 [1920]. vol 1.

VERGÍLIO (séc. I a.C.)

*Eneida*¹

II, 1-106

Todos ficaram calados e atentos, e fixos permaneciam os seus semblantes. Então, o pai Eneias, de seu elevado leito, assim começou:

5 “O que tu me pedes, ó rainha, faz-me reviver uma dor indescritível:
narrar como destruíram os dânaos as riquezas de Troia e o seu
desafortunado reino; estes fatos tão dolorosos eu próprio os vivenciei e
tomei neles parte importante. Quem, entre os mirmidões ou dólopes, ou
que soldado do cruel Ulisses, com o relato destes acontecimentos, poderia
conter as lágrimas?

10 E eis que, do alto céu, desce inexorável a úmida noite, e as estrelas
cadentes convidam ao sono. Mas se imenso é o teu desejo de conhecer os
nossos infortúnios e de ouvir contar, em breves palavras, os derradeiros
suplícios de Troia, embora a lembrança de tais fatos me cumule de pavor a
alma e do luto procure refugiar-me, eu começarei.

Esgotados pelas guerras e expulsos pelos fados, os chefes dos

15 dânaos, decorridos já muitos anos, constroem um cavalo à semelhança de
uma montanha, com a arte da divina Palas, e entrelaçam os seus flancos
com o abeto em feixes; simulam tratar-se de um voto pelo seu retorno, e, por
20 toda a parte, essa notícia se espalha. Então, encerram, furtivamente, varões
dos mais valentes, tirados à sorte, no bojo oco do animal, ficando, assim,
repleto de soldados armados o imenso ventre cavernoso.

À vista de Troia está situada Tênedo,² ilha célebre por sua fama,
opulenta por suas riquezas, à época em que subsistiam os reinos de
Príamo, agora, apenas uma enseada e um porto pouco seguro às
embarcações; tendo-se, então, os gregos dirigido para lá, buscam
esconderijo nessas praias desertas. Nós estávamos persuadidos de que
25 eles tinham partido e de que, com o auxílio dos ventos, buscassem
Micenas.³ Então, toda a terra dos teucros libertou-se de um prolongado
luto: abrem-se as portas, apraz-nos sair e ver os acampamentos
dóricos, os lugares desertos e as praias deixadas ao abandono. Aqui,
estavam as tropas dos dólopes, acolá, tinha a sua tenda o cruel Aquiles;
30 aqui, o ancoradouro para a armada, ali costumavam lançar-se ao combate.

Parte do povo, tomada de espanto, observa a funesta dádiva
ofertada à virgem Minerva, admirando o colossal cavalo. Timetes⁴ foi o
primeiro a exortar a que fosse conduzido para dentro das muralhas da
35 cidade e posto na cidadela, quer por dolo, quer porque já assim o
determinavam os fados de Troia. Mas Cápis⁵ e os que tinham em mente
ideia mais sensata mandam lançar ao mar as armadilhas e as ofertas
suspeitas dos gregos ou, ainda, atear-lhes fogo, queimando-as, ou
perfurar os côncavos esconderijos do seu ventre, perscrutando-os. O
povo, sem certezas, divide-se em opiniões contrárias.

40 Então, Laocoonte,⁶ acompanhando-o uma grande multidão, à frente
de todos, furioso, irrompe da alta cidadela e, de longe, clama: “Ó infelizes
cidadãos, que loucura tamanha é essa? Acreditais que os inimigos
partiram? Ou julgais isento de perfídia algum presente dos gregos? É assim
45 que conheceis Ulisses? Ou os aqueus estão escondidos neste madeiro, ou
esta máquina foi construída contra as nossas muralhas, para vigiar as
nossas casas, e, do alto, precipitar-se contra a cidade, ou outra armadilha
qualquer se acha aí oculta. Teucros, não confieis no cavalo. Seja o que for,
temo os gregos, até mesmo quando trazem presentes.”

50 Tendo proferido tais palavras, desferiu uma ingente lança, com
todas as suas forças, contra os flancos do animal, atingindo-o nas juntas
do arredondado ventre. Ela aí se fixou, vibrando; e do bojo sacudido,
ressoaram as ocas cavernas, fazendo-se ouvir um grande alarido. Então, ele
55 incitara o povo a golpear com o ferro os esconderijos argólicos, e se não
fosse o desígnio dos deuses, se a nossa mente não tivesse sido cega,
Troia ainda existiria, estarias de pé, ó alta cidadela de Príamo.

Eis que, entretanto, pastores da Dardânia, em meio à grande

algazarra, traziam preso um jovem, com as mãos atadas atrás das costas, à presença do rei, um jovem desconhecido, que se apresentara
 60 voluntariamente aos que iam ter com ele, para realizar o seu intento, e abrir aos aqueus as portas de Troia. Confiante em sua própria capacidade, estava pronto para uma e outra situação: quer para disseminar insídias, quer para sucumbir a uma morte certa. De todos os lados, acorre a juventude troiana para vê-lo e, cercando-o, porfiam a insultar o prisioneiro.
 65 Ouve, agora, as insídias dos gregos e, a partir do crime cometido por um só, fica a conhecer todos os outros.

Com efeito, logo se deteve à vista de todos, perturbado, sem armas, e com os olhos observou ao seu redor as tropas frígias, e disse:

70 “Ah! que terra, que mares podem agora acolher-me? Enfim, o que me resta, ainda, a mim infeliz, para quem não há lugar algum entre os dânaos, e contra quem os dardânios, revoltados, cobram uma punição com sangue?” Com este lamento, mudaram-se os ânimos e todo o ímpeto. Exortamo-lo a falar sobre a sua origem, e o que o trazia; e a mostrar que
 75 confiança poderia haver para um cativo.

[Por fim, afastado o temor, ele profere estas palavras:]

“Com toda a certeza, ó rei, confessar-te-ei toda a verdade, aconteça o que acontecer”, disse, “e não negarei que sou de raça argólida; isto, em primeiro lugar. E, se a fortuna fez Sínon⁷ infeliz, ímproba, não fará dele
 80 também um homem mentiroso e pérfido.

Se, acaso, por algum rumor, chegou a teus ouvidos o nome de Palamedes,⁸ descendente de Belo, e a glória íncrita de sua fama, o qual, inocente, sob falsa acusação, os Pelasgos, com abominável denúncia,
 85 levaram à morte, pois se opunha às guerras, agora, privado da luz da vida, choram-no. Foi, pois, como seu companheiro, a quem estava também unido por laços de sangue, que meu pobre pai me enviou para, aqui, combater desde o início da guerra.

Enquanto ele manteve a sua autoridade real e tomava parte nas assembleias dos reis, também nós usufruímos de alguma notoriedade e honra. Depois, por causa da inveja do pérfido Ulisses (nada digo que não se saiba), afastou-se das regiões superiores; atormentado, eu arrastava a minha vida em trevas e luto, e indignava-me comigo mesmo da desventura do meu inocente amigo. Desvairado, não me calei, e, se porventura me
 95 permitisse a fortuna, se algum dia retornasse vencedor a Argos, minha pátria, prometi que haveria de ser o seu vingador, e com estas minhas palavras suscitei ódios acirrados. Daí a origem de meus infortúnios. Desde então, Ulisses, sem tréguas, atormentava-me com novas acusações, e espalhava entre o povo boatos duvidosos e, consciente de seus intentos,
 100 procurava as armas necessárias. Com efeito, ele não descansou, até que contando com a ajuda de Calcante...⁹ Mas por que eu revolvo, em vão, estas coisas desagradáveis, ou por que vos demoro? Se tendes a respeito

de todos os aqueus o mesmo conceito, ouvir isto é já o suficiente para vós: executai, logo, o meu castigo. Isto queria o homem de Ítaca e os atridas pagariam um bom preço.”

105 E, então, desejamos ardentemente investigar e conhecer as causas, não tendo nós conhecimento da gravidade dos crimes e das artimanhas dos pelasgos.

NOTAS

¹ Tradução com base no texto latino editado por Les Belles Lettres (1948).

² Tênedo, pequena ilha do mar Egeu, localizada em frente a Troia, cuja designação remete a Tenes, após ter ele sido nomeado rei.

³ Micenas, cidade célebre da Argólida, da qual Agamêmnon era rei.

⁴ Cápis, um dos companheiro de Eneias.

⁵ Timetes, cujo filho Munipo fora morto por ordem de Príamo, ao interpretar ser esse o menino que traria a ruína a Troia, jamais o perdoou, antes foi dos que mais se esforçou para que o cavalo de madeira entrasse na cidade.

⁶ Laocoonte, filho de Príamo e Hécuba, sacerdote de Apolo Timbreu; durante a guerra de Troia, desconfia do cavalo de madeira construído para ludibriar os troianos. Numa cerimônia, duas serpentes atacaram seus filhos, estrangulando-os, e ele, ao tentar salvá-los, também pereceu.

⁷ Sínon, personagem cuja presença não se atesta em Homero, parece ser criação virgiliana.

⁸ Palamedes, filho de Náuplio, rei de Eubeia, perde sua vida, vítima dos artifícios de Ulisses.

⁹ Calcante, filho de Téstor, célebre adivinho da guerra de Troia.

BIBLIOGRAFIA

VIRGILE. *Énéide* (I-VI). Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

HORÁCIO (séc. I a.C.)

Odes

I, 2

Neste momento, o Pai lançou muita neve e muito granizo sinistro nas terras e, atingindo as cidadelas sagradas, com a mão direita vermelha, aterrorizou a Cidade; aterrorizou os povos, para que o grave século de Pirra, lamentando os novos prodígios, não voltasse. Foi a época em que Proteu levou todo o gado a procurar o alto dos montes, a raça dos peixes permaneceu fixa no olmo, que fora sede conhecida das pombas, e as tímidas corças nadaram no mar espreado. Vimos o amarelo Tibre, com as ondas retorcidas violentamente no litoral etrusco, ir destruir os monumentos do rei e os templos de Vesta, enquanto se vangloria de ser o vingador de Iliia, lastimando-se muito. Errante, o rio esposo se estende pela margem esquerda, sem a aprovação de Júpiter. A notável juventude saberá que os cidadãos prepararam a espada, pela qual os fortes Persas melhor morreriam - saberiam das lutas por causa do erro dos pais. Qual dos deuses o povo chamará, em auxílio dos bens do império que está desmoronando? Com que prece as veneráveis virgens perturbarão Vesta, que ouve nossos cantos? A quem Júpiter dará as tarefas de expiar o crime? Enfim, pedimos que venhas, ó áugure Apolo, envolvido por uma nuvem, com os ombros brilhantes; ou venhas tu, se preferes, ó Vênus sorridente – em torno de ti o Jogo e o Cupido volitam; ou venhas, ó defensor, que proteges a raça abandonada e os netos, ó criador, ó muito saciado por um longo jogo – a ti agradam o clamor, os capacetes polidos e o rosto cruel do mouro que combate a pé, indo de encontro ao inimigo sanguinário; ou venhas tu, alado, (imitas um jovem, mudada a figura na terra!), ó filho da benfazeja Maia, ó tu que permites ser denominado o vingador de César. Que, tardio, voltes para o céu e por muito tempo estejas alegre entre o povo de Quirino - que uma brisa mais rápida não transporte a ti os nossos erros! Que aqui, de preferência, tu gostes dos grandes triunfos! Que aqui tu gostes de ser chamado pai e príncipe, e não permitas que os Medos impunes cavalguem, sendo tu o comandante, ó César!

I, 10

Ó Mercúrio, eloquente neto de Atlas, que formaste os costumes bárbaros dos homens primitivos, habilidoso pela tua voz e pelo costume da prática da nobre ginástica, cantar-te-ei, mensageiro do grande Júpiter e dos demais deuses, inventor da lira curva; cantar-te-ei, a ti, engenhoso em esconder com jocoso furto, quando te

agrada. Apolo, outrora, desprovido de aljava, riu-se de ti, sendo tu criança, quando te ameaçava e te aterrorizava com a voz, para que tu restituíesses as novilhas arrebatadas por teu furto. E mais ainda: sendo tu o guia, o rico Príamo, abandonada Ílion, iludiu os soberbos Atridas, os vigias tessálicos e os acampamentos hostis a Troia. Tu repões as piedosas almas nas alegres sedes – os Campos Elísios- e governas a turba leve com teu áureo caduceu, grato aos deuses inferiores e superiores.

I, 19

A mãe furiosa dos Desejos, o filho da tebana Sêmele e a lasciva Licença me mandam voltar-me para os amores terminados. Queima-me a beleza de Glicera, que resplandece mais puramente que o mármore de Páριο; inflamam-me a audácia agradável e o rosto sensual de seu olhar. Vênus toda se precipita sobre mim – ela abandonou Chipre e não permite que eu cante os Citas e o corajoso Persa dos cavalos fugitivos nem aquelas coisas que dizem respeito a esse tema. Ponde aqui, meninos, para mim, o altar florido, as verbenas, os incensos, junto com a pátera de vinho de dois anos: sacrificada a vítima, Vênus virá mais afável.

I, 30

Ó Vênus, rainha de Cnido e Pafos, despreza a amada Chipre e vai para o templo enfeitado de Glicera, que te invoca, com uma grande quantidade de incenso. Que contigo se precipitem o menino violento, as Graças de cintos soltos e as ninfas; sem ti, a juventude pouco afável e Mercúrio.

II, 20

Eu, vate de dois rostos, serei levado - não pela delicada pena, mas seguirei pelo líquido éter. Não ficarei mais tempo sobre a terra e, maior que a inveja, deixarei a cidade. Eu, sangue de pais pobres, a quem convidas, meu querido Mecenas, não morrerei nem serei retido pela água do Estige. Agora, ásperas peles se fixam em minhas pernas; transformo-me em uma branca ave, e, na parte superior, penas nascem nos meus dedos e nos meus ombros. Agora, mais rápido que Ícaro, filho de Dédalo, visitarei, como um pássaro que canta, as praias do Bósforo ressonante, as Sirteas da Getúlia e os campos Hiperbóreos. Conhecer-me-ão o Colco, que oculta o medo da coorte de Marso, e o Daco. E os últimos Gelonos me conhecerão. O ibério instruído e o bebedor do Ródano me estudarão. Que se afastem do vão funeral os cantos fúnebres, as dores vergonhosas e as lamentações! Contém os clamores e omite as honras inúteis da sepultura.

III, 13

Ó fonte da Bandúsia, mais brilhante que o vidro, digna de um vinho doce com flores, amanhã serás presenteada com um cabrito, cuja frente túrgida, inchada pelos primeiros cornos, destina o amor e os combates. Inutilmente: porque a descendência do rebanho lascivo te tingirá os ribeiros gelados com sangue vermelho. O momento

atroz da brilhante canícula não sabe te tocar – tu ofereces um frescor agradável aos touros, cansados pela carga, e ao gado errante. Tu te tornarás uma fonte nobre, quando eu cantar, azinheira colocada nas pedras cravadas de onde descem as águas ruidosas.

IV,3

Ó Melpômene, aquele a quem tu tenhas visto uma vez ao nascer, com o olhar benevolente, nem os jogos Ístmicos o tornarão um ilustre pugilista, nem o ativo cavalo o conduzirá vencedor no carro acaico, nem o feito da guerra apresentará no capitólio o chefe enfeitado com folhas de Delos, porque teria esmagado as soberbas ameaças dos reis, mas as águas que banham a fértil Tíbur e as espessas folhagens das florestas o reproduzirão, nobre, no poema eólio. A raça de Roma, primeira das cidades, quer me colocar entre os amáveis coros dos poetas, e já sou menos mordido pelo dente invejoso. Ó Piéride, que combinas o doce som da esplêndida cítara; ó tu, que deves dar também aos peixes mudos o canto do cisne, se desejaesses. Tudo isso é tua dádiva, que eu sou indicado pelo dedo dos que passam como tocador da lira romana, porque vivo e agrado. Se agrado, cabe a ti.

Canto Secular

Ó Febo e Diana, soberana das florestas, luminoso ornamento do céu, ó sempre adoráveis e adorados, dai-nos o que pedimos no tempo sagrado, no qual os versos sibílinos anunciaram que as virgens escolhidas e os castos rapazes entoariam um canto aos deuses, aos quais as sete colinas agradaram.

Ó Sol criador, que com teu carro brilhante fazes aparecer o dia e o encobres, e nasce outro e o mesmo, que não possas contemplar nada maior que a cidade de Roma!

Ó Ilítia, benigna em trazer à luz, convenientemente, os partos maduros, protege as mães, quer tu gostes de ser chamada Lucina, quer tu gostes de ser chamada Genital; ó deusa, que tu faças crescer uma descendência e faças prosperar os decretos dos senadores a respeito das mulheres e a respeito da lei conjugal, fecunda de uma descendência nova - de modo que o período invariável de dez vezes onze anos repita os frequentes cantos e jogos em três brilhantes dias e outras tantas noites agradáveis.

E vós, Parcas, verídicas em ter profetizado, que o imutável limite das coisas conserve o que uma vez foi dito por vós; juntai os destinos favoráveis aos já realizados.

Que a Terra, fértil em cereais e em gado, presenteie Ceres com uma coroa de espigas e que as águas e os ares saudáveis de Júpiter nutram os produtos da terra!

Apolo, ouve, pacífico e calmo, os meninos suplicantes, com a arma guardada; Lua, rainha dos astros, que tens um crescente, ouve as meninas.

Se Roma é vossa obra e se as tropas troianas ocuparam o litoral etrusco, obrigadas a abandonar os Lares e a cidade, com uma viagem feliz – para elas o piedoso Eneias, salvo das ruínas da pátria, abriu um caminho livre pela ardente Troia, para que fosse

restituído mais do que o que foi perdido –, ó deuses, concedei nos costumes à dócil juventude; ó deuses, concedei descanso à velhice sossegada e concedei à raça de Rômulo riqueza, descendência e toda a glória.

E que o sangue ilustre de Anquises e de Vênus, superior ao combatente, benévolo para com o inimigo que está derrotado, consiga o que vos pede com bois brancos.

Já o Medo teme, sobre o mar e sobre a terra, as poderosas mãos e os domínios albanos; já os Citas, ainda há pouco orgulhosos, e os Indianos pedem respostas.

Já a Boa-Fé, a Paz, a Honra, o Pudor antigo e a Virtude, negligenciada, ousam voltar, e a feliz Abundância aparece com o corno pleno.

Que Febo, áugure e ornado com o arco brilhante, e querido das nove Camenas – ele que alivia os membros cansados do corpo com a arte que dá saúde –, se olha,

favorável, as cidades palatinas, o poderio romano e o Lácio feliz, que a cada lustro prolongue sempre o tempo de prosperidade!

E que Diana, que habita o Aventino e o Álgido, tome em consideração as preces dos quinze homens e aplique os ouvidos atentos aos votos das crianças!

Eu, o coro instruído a cantar os louvores de Febo e Diana, levo para casa a boa e

segura esperança de que Júpiter e todos os demais deuses ouvirão.

BIBLIOGRAFIA

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1941.

OVÍDIO (séc. I a.C. - I d.C.)

Elegias

II, 11

Primeiramente, o pinheiro cortado no cume do monte Pélio¹ ensinou caminhos ruins nas ondas assombradas do mar, que, temerário, entre os rochedos concorrentes, levou a ovelha ilustre pela fulva lã.²

Ó praza aos deuses, para que ninguém faça longos movimentos com o remo, que Argos carregada bebesse as águas funestas! Eis que Corina evita o leito conhecido e os Penates³ companheiros e começa a percorrer caminhos arriscados.

Por que, infeliz de mim, temerei por ti os Zéfiro e os Euros e o gélido Bóreas e o tépido Noto?⁴

Tu não admirarás ali as cidades, nem as selvas; é única a aparência azul do mar injusto.

Nem o meio do mar tem finas conchas e pedrinhas coloridas;

aquela demora é própria do litoral saibroso.
Marcai os litorais com vossos pés marmóreos, moças!
Até aqui é seguro; outro caminho é obscuro.
E que outros vos contem as lutas dos ventos,
os quais Scila⁵ ataca ou as águas de Caribdes,⁶
e os violentos Ceraunios⁷ se elevem sobre as pedras,
em cuja enseada se escondem as Sirtes,⁸ maior e menor.
Que outros vos contem estas coisas, acreditai no que alguém fala.
Nenhuma tempestade prejudica aquele que acredita.
Avista-se tarde a terra, onde a corda desamarrada
corre a quilha arqueada pelo imenso mar,
quando o marinheiro inquieto receia os ventos contrários
e se reconhece tanto junto à morte quanto junto à água.
Porque, se Tritão⁹ agita as ondas inquietas,
não terás nenhuma cor por toda a boca!
Então chames as generosas estrelas da fecunda Leda¹⁰
e digas “feliz aquele que a sua terra conserva!”
É mais seguro manter o leito, ler livrinhos,
retumbar a lira trácia com os dedos.
Mas, se as forças da tempestade levam minhas vãs palavras,
que então Galateia¹¹ seja justa para tua popa.
A perda da jovem será o vosso crime,
deusas Nereidas¹² e pai das Nereidas!
Ide, lembrado de mim, voltando com vento favorável;
e que aquela brisa encha tuas velas.
Então que o grande Nereu incline o mar para estes litorais,
que os ventos contemplem, que Euro conduza as águas!
Rogues tu própria que apenas os Zéfiro venham às velas,
tu própria movas as velas com mão fervorosa.
Primeiramente eu observarei do litoral a conhecida popa
e direi “ela transporta nossos deuses”
e a sustentarei nos ombros e colherei muitos beijos
sem ordem. Que uma vítima prometida caia pela tua volta,
e que as areias macias se estendam na forma de um leito,
e qualquer elevação seja à semelhança de mesa.
Lá narrarás tendo muito vinho servido,
como o navio quase foi coberto no meio das águas,
e enquanto corres até mim, não receies os tempos
da noite iníqua nem o precipitado Noto.
Acreditarei em tudo como verdadeiro, conviria que fosse imaginado;
por que eu próprio não acariciarei com meus votos?
Que Lúcifer,¹³ luminosíssimo para mim no alto do céu,

leve os tempos a toda brida.

III, 10

Voltaram as festas anuais da sagrada Ceres;¹⁴
a jovem dorme sozinha num leito vazio.¹⁵
Loura Ceres, com os finos cabelos cingidos de espigas,
por que impedes os nossos proveitos em tuas festas sagradas?
Os povos, deusa, falam de ti, generosa, por toda parte
e nenhuma outra (divindade) inveja mais aos bons humanos.
Antes, nem os rudes agricultores secavam o trigo,
nem o nome 'área' era conhecido na terra,
mas os carvalhos, primeiros oráculos,¹⁶ davam bolotas;
a erva do tenro torrão era o alimento.
Ceres, por primeiro, ensinou a fazer brotar a semente nos campos
e cortou as searas coloridas com a foice;
por primeiro, forçou os touros a se submeterem ao jugo
e revolveu a antiga terra com o dente recurvado.
Alguém acredita que ela se alegra com as lágrimas dos amantes
e é bem cultuada com seus tormentos e sua castidade?
Contudo, embora ame os campos férteis, não é rústica
nem tem o peito ausente de amor.
Os cretenses serão testemunha; os cretenses não dissimulam tudo,¹⁷
Creta é uma terra orgulhosa de ter nutrido Júpiter.¹⁸
Ali, o pequeno menino, que ordena o arco do mundo,
bebeu leite em sua tenra boca.
Grande é a fé da testemunha; a testemunha é exaltada pelo aluno.
Julgo que Ceres haverá de testemunhar nossos crimes.
A deusa cretense vira Jásio¹⁹ sob o Ida,
ferindo o dorso selvagem com mão firme.
Viu, e como as tenras medulas arrebataram a chama,
de um lado o pudor, de outro o amor cativava;
o pudor foi vencido pelo amor. Verias as lavouras secar
e as sementeiras voltarem numa parte mínima.²⁰
Quando as enxadas bem agitadas bateram as lavouras,
o arado adunco rompera a dura terra,
e as sementes percorreram igualmente os vastos campos,
os votos do cultivador enganado eram nulos.
A poderosa deusa dos cereais descansava nas profundezas;
as longas madeixas caíam com as grinaldas de espigas.
Só a fértil Creta teve um ano fecundo;
tudo, por onde a deusa passara, era messe;
a própria posição dos bosques celebrava os cereais do Ida
e o feroz javali colhia o trigo na selva.
O legislador Minos²¹ desejou semelhantes a esse os anos,

desejou que fosse longo o amor de Ceres.
Visto que a castidade fosse triste para ti, deusa loura,
sou impelido a fazer isto para teus cultos sagrados.
[Por que eu ficarei triste, quando reencontraste a filha,
e Juno reina teus reinos com sorte menor?]
O dia festivo exorta ao amor, ao canto e ao vinho;
convém levar estes presentes aos deuses soberanos.

NOTAS

- ¹ Montanha perto da Tessália.
- ² Referência ao velo de ouro, atrás do qual foram os Argonautas na nau Argos.
- ³ Os espíritos protetores da casa romana, junto com os Lares.
- ⁴ Zéfiro é o vento oeste; Euro, o vento leste; Bóreas, o vento norte, também conhecido como Aquilão, e Noto é o vento sul.
- ⁵ Filha de Porco, convertida em monstro marinho.
- ⁶ Sorvedouro perto das rochas de Scila, perigoso à navegação.
- ⁷ Serra ao sul da Sarmácia.
- ⁸ Dois bancos de areia perigosos à navegação por terem águas rasas.
- ⁹ Filho de Netuno, que possui a forma de um peixe.
- ¹⁰ Mãe de Pólux e Castor, Clitemnestra e Helena, prováveis filhos de Júpiter.
- ¹¹ Uma das Nereidas, sobre a qual há várias lendas, numa das quais ela se teria transformado em rio.
- ¹² Ninfas do mar, filhas de Nereu e Dóris.
- ¹³ Referência ao planeta Vênus, também conhecido como Estrela d'Alva.
- ¹⁴ Ceres é comumente identificada com a deusa grega Deméter, deusa dos cereais e protetora da agricultura. As *Cerealia*, ou festas dedicadas a Ceres, eram comemoradas entre 12 e 19 de abril.
- ¹⁵ A castidade era necessária para se poder participar dos rituais sagrados.
- ¹⁶ Referência ao oráculo de Dodona, no Epiro, onde os sacerdotes interpretavam as vontades divinas pelo farfalhar das folhas de um carvalho gigante.
- ¹⁷ Os cretenses eram conhecidos por suas mentiras.
- ¹⁸ Segundo uma lenda, Júpiter teria nascido em Creta, ou na Arcádia e posteriormente levado para Creta, residindo numa gruta do monte Ida e sendo amamentado pela cabra Amaltea.
- ¹⁹ Filho de Júpiter e de Electra, que habitava a Samotrácia. Jáasio nutre um amor por Ceres, muitas vezes não correspondido. Contudo, conta a lenda que eles tiveram um filho chamado Plutão, que distribui riquezas e abundância a todas as terras.
- ²⁰ Quando Ceres sai à procura da filha Perséfone com archotes acesos no Etna, ela deixa queimar e secar todas as terras por onde passa, tornando-as estéreis.
- ²¹ Houve muitos reis de Creta que receberam o nome ou título de Minos. Entretanto, um Minos foi considerado como um homem muito justo, tendo sido, por isso, alçado ao posto de juiz dos mortos no Hades.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1993. 2 v.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

OVIDE. *Les amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris : Les Belles Lettres, 2005.

FEDRO¹ (séc. I a.C.-séc. I d.C.)

Fábulas

V, 1. O rei Demétrio e o poeta Menandro

O rei Demétrio, que se denominou Falero, apoderou-se de Atenas com um comando perverso. Como é costume do povo, este se lançou confusamente e à porfia: “Felicidades!”, exclamam. Os próprios nobres beijam aquela mão pela qual são oprimidos, tacitamente lamentando o triste revés da fortuna. Mas os ociosos e acompanhantes do ócio, visto que fosse prejudicial não comparecer, arrastam-se entre os últimos; entre estes, está Menandro, conhecido pelas comédias, as quais Demétrio lera, desconhecendo o próprio autor, e admirara o engenho do homem; perfumado, de roupa esvoaçante, vinha com um passo delicado e lânguido.

Quando o tirano o viu no fim da multidão, disse: “Que lascivo é aquele que ousa mover as nádegas em minha presença?”

Responderam os próximos: “Aquele é o escritor Menandro”.

Logo mudando, diz: “Não pode haver ninguém mais formoso que ele”.

V, 2.²

Visto que dois soldados topassem com um ladrão, um meteu pernas, mas o outro ficou e manteve-se com a mão direita firme. Destruído o ladrão, o tímido companheiro veio correndo e desembainhou a espada e, lançando então a capa, diz: “Entrega-o a mim; já cuidarei para que perceba quem ele atacou”.

Então, aquele que pelejara: “Eu desejaria que me tivesses ajudado ao menos com estas palavras – eu teria sido mais firme julgando-as verdadeiras –; agora, guarda a espada e também a língua fútil, talvez possas enganar outros ignorantes: eu, que senti com quantas forças tu foges, sei o quanto não se deve acreditar em tua virtude”.

Esta narração deve ser imputada àquele que é forte na ventura, e fugaz na dúvida.

V, 3. O calvo e a mosca

Uma mosca picou a cabeça desnuda de um calvo, que, ambicionando matá-la, se deu uma grande bofetada. Então, ela, zombando: “Quiseste castigar com a morte a picada de uma pequenina ave; o que farás a ti, que acrescentaste uma afronta ao mal?”

Responde: “Facilmente faço as pazes comigo, porque sei que não tive a intenção de me ferir. Mas a ti, animal perverso de espécie desprezível, que te deleitas em beber sangue humano, escolheria matar-te com um maior incômodo”.

Com este argumento convém que se deva perdoar quem peca por acaso. Porque quem é perverso deliberadamente, julgo que esse é de qualquer modo digno de castigo.

V, 4. Do asno e do porquinho

Como alguém tivesse imolado um varrão ao divino Hércules, a quem devia um voto pela sua saúde, mandou que fossem dados a um asno os restos de cevada, os quais aquele, desprezando, assim falou: “De completa boa vontade, aceitaria essa comida se não estivesse morto aquele que dela se alimentou”.

Persuadido pela reflexão desta fábula, sempre evitei o lucro arriscado. Mas dizes: “Aqueles que roubaram as riquezas as escondem”. Contaremos o que deve fazer aqueles que pereceram presos; encontrarás maior turba de punidos.

A temeridade é um bem para poucos, e um mal para muitos.

V, 5. O bobo e o camponês

Por causa de um favor fácil, os mortais costumam enganar-se e, enquanto permanecem em razão de seu erro, são levados a se arrepender dos atos descobertos. Certo nobre rico, que iria realizar uns jogos, convidou a todos, propondo um prêmio a cada um que pudesse mostrar uma novidade.

Vieram os artesãos para a peleja do reconhecimento, entre os quais estava um bobo, notório por ser espirituoso, dizendo ter um tipo de espetáculo nunca

exibido no teatro. A notícia espalhada move a cidade. Pouco antes vazio; os lugares fazem falta à multidão.

Então, depois permanecendo sozinho em cena, sem apetrechos nem ajudantes, a própria curiosidade gera o silêncio. Ele, de repente, abaixou a cabeça no peito e, assim, com a sua voz, imitou a voz de um porco; como sustentassem que um porco verdadeiro estivesse debaixo do manto, ordenaram que o arrancasse. Feito isso, visto que nada foi descoberto, todos o cobriram de muitos elogios e seguiram com longo aplauso.

Um camponês viu o que acontecia e disse: “Por Hércules, não me vencerá”; e logo declarou que faria o mesmo melhor no dia seguinte. A multidão foi maior; o interesse já domina as mentes e sabe-se que para rir, não para ver. Ambos saem. O bobo grunhe primeiro, gera aplausos e suscita clamores.

Então, o camponês, fingindo esconder um porquinho sob as vestes (o que verdadeiramente fazia, mas, escondendo porque nada descobriam no primeiro), puxa a orelha do verdadeiro porco, que escondera, e com dor anuncia a voz da natureza. O povo exclama que o bobo fez uma imitação muito mais verossímil e manda que o camponês seja enxotado. Mas ele retira o próprio porquinho do peito, provando o vergonhoso erro com uma prova manifesta. “Ora, este mostra que tipo de juízes vocês são!”

V, 6. O calvo e alguém desprovido de cabelos

Por acaso, um calvo encontrou um pente numa encruzilhada. Chegou outra pessoa igualmente desprovida de cabelos e disse: “Ei! Em comum o que houver de lucro!”

Aquele mostra o ganho e, ao mesmo tempo, acrescenta: “A vontade dos deuses foi favorável; mas, por causa do destino invejoso, como dizem, encontramos um carvão em vez de um tesouro”.

O lamento se anunciou àquele a quem a esperança enganou.

V, 7. O flautista Príncipe

Quando um ânimo vão, cativado por uma frívola popularidade, se apossa de uma insolente confiança, facilmente uma tola frivolidade é levada ao escárnio.

O flautista Príncipe teve um pouco de reconhecimento, acostumado a servir a Batilo³ em cena. Por acaso, nos jogos – não lembro bem quais –, enquanto se retira o tablado, desprezando, ele cai em grande queda e quebra a perna esquerda, quando preferiria perder duas direitas. Levantado entre as mãos e gemendo muito, é levado para casa. Alguns meses se passam, até que a cura venha dar-lhe sanidade. Como é costume dos espectadores, começa a se desejar uma apresentação graciosa, de cujos sopros se costumava excitar o vigor do dançarino.

Certo nobre estava para realizar uns jogos. Visto que Príncipe começava a caminhar de pé, ele o convenceu com um prêmio e com preces a que se apresentasse só no mesmo dia dos jogos.

Mal este chega, o som do flautista retumba pelo teatro; alguns afirmam que está morto, outros que sem demora se mostrará à vista. Abaixada a cortina, precipitados todos os trovões, os deuses falaram segundo o habitual costume. Então, o coro entoou um canto desconhecido, logo sendo ele reconduzido, com a seguinte sentença: “Alegra-te, Roma incólume, estando o príncipe⁴ a salvo!”

Levantaram-se para aplaudir. O flautista joga beijos, acreditando agradar seus defensores. A ordem equestre percebe o tolo erro e, com grande riso, ordena que se repita o canto: recomeça-se. O meu homem se prosterne todo no palco. O cavaleiro o aplaude, zombando; o povo acredita que este pede o prêmio do coro. Mas, quando o feito veio ao conhecimento de todas as fileiras, Príncipe, com a perna atada com uma faixa branca e com túnicas brancas e também com calçados brancos, orgulhando-se pela honra da casa divina, foi enxotado pelo chefe de todos.

V, 8. O Tempo

Calvo, de corrida rápida, equilibrando-se sobre uma navalha, de frente cabeluda, occipício nu (se o capturares, está preso; mas, uma vez tendo escapado, nem o próprio Júpiter pode recapturá-lo), representa a breve oportunidade das coisas; para que uma lenta demora não impedisse os projetos, os antigos criaram tal imagem do Tempo.

V, 9. O touro e o vitelo

Como um touro lutava com seus chifres, numa entrada estreita para com custo poder entrar no estábulo, um vitelo mostrava como se curvar.

“Cala-te”, diz, “sei disso antes de tu nasceres”.

Aquele que corrige alguém mais sábio julgue isto ser dito para si.

V, 10. O cão velho, o porco e o caçador

Visto que um cão, forte e veloz, satisfizesse sempre ao seu dono enfrentando todas as feras, começou a se enfraquecer pela sobrecarga dos anos. Certa vez, opondo-se em luta a um porco selvagem, arrancou-lhe a orelha, mas, abrindo a boca, perdeu a presa por causa de seus dentes podres. O caçador, lastimando-se, repreendia o cão. O cão lacedemônio lhe disse em resposta: “O ânimo não te abandonou, mas as minhas forças. Elogias o que fomos, mas agora condenas o que somos”.

Vê bem, Fileto⁵, porque escrevi isso.

NOTAS

¹ Fedro, fabulista latino, que viveu provavelmente desde o reinado de Augusto até os tempos de Cláudio. Apresentamos, aqui, a tradução do quinto livro de fábulas

(num total de cinco) por tratar-se do mais original de todos, haja vista que o autor inicialmente se fundamenta nas fábulas de Esopo.

² Esta fábula não possui título.

³ Famoso pantomino, liberto de Mecenas, no tempo do imperador Augusto.

⁴ Príncipe é a forma como é designado o imperador, o primeiro do Senado. Aqui a

confusão de nomes faz com que se acredite tratar-se do imperador.

BIBLIOGRAFIA

PHÈDRE. *Fables*. Texte établi et traduit par Alice Brenot. Paris: Les Belles Lettres, 1924.

SUETÔNIO (séc. I-II d.C.)

*Suetoni Vita Horati*¹

Quinto Horácio Flaco, nascido em Venúsia,² teve como pai, como ele mesmo conta, um cobrador de impostos, liberto de origem. Mas, como é de crença geral, era filho de um vendedor de peixe em conserva, já que certa pessoa o repreendeu em uma discussão: “Quantas vezes eu vi teu pai assoando o nariz no braço!”. Convocado pelo general Marco Bruto, serviu como tribuno na Batalha de Filipos. Após a derrota de seu partido, conseguiu o perdão e adquiriu o ofício de escriba dos questores.

Logo travou relações com Mecenas e, em seguida, com Augusto e teve um grande lugar na amizade dos dois.

O quanto Mecenas o estimasse é provado por aquele epigrama:

Horácio, se não te amo mais do que

minhas entranhas, que teu companheiro,
tu o vejas excessivamente magro.³

mas muito mais em suas disposições finais, no testamento endereçado a Augusto: “Lembra-te de Horácio Flaco como de mim mesmo”.

Augusto também lhe ofereceu o encargo de cuidar de sua correspondência, como deixa entender nesta carta a Mecenas: “Antes eu mesmo conseguia escrever cartas aos amigos; agora, fraco e muito ocupado, desejo roubar-te o nosso caro Horácio. Ele virá dessa tua mesa de parasitas para esta minha régia mesa e me ajudará a escrever cartas.” E, diante da recusa de Horácio, não o censurou de forma alguma, nem deixou de lhe oferecer sua amizade. Restam algumas cartas, das quais exponho algumas linhas apenas para provar o que digo: “Aproveita qualquer liberdade a meu respeito, como se tivesses sido meu companheiro de mesa; agir assim te é apropriado, e não temerário, já que essa é a relação que queria ter contigo, se tua saúde o permitisse.” E novamente: “Poderás ouvir do nosso caro Septímio que lembrança eu tenho de ti, pois aconteceu que, em presença dele, falei a teu respeito. E, de fato, se tu arrogantemente desprezaste minha amizade, nem por isso eu também retribuí o teu desprezo.” Além disso, Augusto chamava-o frequentemente, entre outros chistes, de “o mais imaculado entre os pênis” e de “homenzinho gracioso”, e concedeu-lhe mais de uma prova de generosidade. Augusto apreciava muito sua obra e considerava que duraria para sempre, a tal ponto que não somente ordenou a composição do Canto Secular, como também o de um poema em honra da vitória de Tibério e Druso, seus enteados, sobre os vindelícios.⁴ Em razão disso, fez com que ele acrescentasse um quarto livro aos três livros de poemas que havia escrito há muito tempo. Depois, tendo lido algumas de suas epístolas e não tendo encontrado nenhuma menção a si próprio, queixou-se nestes termos: “Saibas que estou zangado contigo porque, na maior parte dos escritos deste tipo, não te diriges preferentemente a mim; acaso temes que, na posteridade, seja uma vergonha para ti parecer ter familiaridade comigo?” E assim fez com que Horácio compusesse o livro, cujo início é:

Como tens, sozinho, tantas coisas a teu encargo,
proteges os interesses itálicos pelas armas, distingue-os por bons
[costumes,
corrige-os pelas leis, eu atentarei contra o bem comum,
se gastar teu tempo, ó César, com um longo discurso.⁵

Quanto à compleição física, era baixo e gordo, como ele próprio se descreve nas sátiras e como Augusto o representa nesta carta: “Onísio me trouxe o teu livrinho, que, por menor que seja, eu apreciei, ainda que ele me dê motivos para te reprovar. Parece-me que temes que teus livros sejam maiores do que tu mesmo és. Mas se te falta estatura, não te falta corpulência. Assim, poderias escrever em um barrilzinho, para que a circunferência de teu livro seja bem volumosa, como é a tua barriga.”

Ele era, conta-se, muito imoderado quanto ao sexo. Diz-se que tivesse um quarto guarnecido por espelhos para que, quando fazia sexo, para onde quer que olhasse, visse refletida a imagem do coito.

Viveu a maior parte de sua vida retirado em sua propriedade rural sabina, ou, mais precisamente, tiburtina, e sua casa ainda existe perto do pequeno bosque de Tíbur.⁶

Chegaram a minhas mãos poemas elegíacos sob seu nome e uma epístola em prosa, em que ele se recomenda a Mecenas. Mas considero-os ambos falsos, pois os poemas são vulgares e a epístola ainda é obscura, vício que claramente não lhe era

próprio.

Nasceu no sexto dia antes dos idos de dezembro,⁷ sob o consulado de Lúcio Cota e Lúcio Torquato; morreu no quinto dia antes das calendas de dezembro,⁸ sob o consulado de Caio Márcio Censorino e Caio Asínio Galo, com cinquenta e sete anos de idade. Declarou publicamente Augusto por herdeiro, já que seu estado de saúde não lhe permitiu assinar o testamento. Está sepultado na extremidade do Esquilino, ao lado do túmulo de Mecenas.

NOTAS

¹ O texto latino seguiu a edição de F. Villeneuve, de 1946, citado na bibliografia.

² Atualmente, a cidade de Venosa, no sul da Itália.

³ Ou “mais magro do que um bardoto (*hinnulo*)”, ou ainda “mais magro do que Nínio (*Ninnio*)”. Cf. nota 2.

⁴ População que ocupava o território entre o Danúbio e a província da Récia (porção oriental da Suíça).

⁵ Cf. Hor. *Ep.* II, 1.

⁶ Atualmente, a cidade de Tivoli, próxima a Roma.

⁷ 8 de dezembro de 65 A.E.C.

⁸ 27 de novembro de 8 A.E.C.

BIBLIOGRAFIA

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1946. Tome I.